

# **COROA DE NOSSA SENHORA DAS DORES**

## **CELEBRAÇÃO DA “COMPASSIO VIRGINIS”**

Tradutor e organizador: frei José M. Milanez, osm  
São José dos Campos 2004

### **ÍNDICE**

Apresentação

#### **INTRODUÇÃO**

#### **COROA DE NOSSA SENHORA DAS DORES**

- I. PERFIL HISTÓRICO
- II. NATUREZA E CARÁTER DA COROA
- III. FORMA E ESTRUTURA DA COROA
- IV. VALOR E USO PASTORAL DA COROA
- V. COMO REZAR A COROA

##### **1. Formulário tradicional**

- 1º Roteiro
- 2º Roteiro

##### **2. Formulário novo**

- 1º Roteiro
- 2º Roteiro

O texto da Coroa de Nossa Senhora das Dores foi traduzido da edição típica em língua italiana «*Corona dell'Addolorata. Celebrazione della 'Compassio Virginis'*», Curia Generalis OSM, Romae, MCMLXXXVI.

O texto da *Via Matris* foi composto por frei José M. Milanez, segundo esquema tradicional, com adaptação e atualização da linguagem e do conteúdo dos comentários e orações.

#### Apresentação

O presente opúsculo divide-se em três partes. Primeira parte: uma breve introdução sobre a devoção a Nossa Senhora das Dores, que aborda três aspectos: a inspiração mariana na história da Ordem dos Servos de Maria, como começou o culto a Nossa Senhora das Dores na Igreja e na Ordem e a devoção a Nossa Senhora das Dores ou da Piedade no Brasil. Segunda parte: a Coroa de Nossa Senhora das Dores, texto produzido

pela CLIOS (Comissão Litúrgica Internacional dos Servos de Maria). Terceira parte: um roteiro de celebração da *Via Matris*.

Sem dúvida, a parte central é a segunda, na qual a CLIOS nos dá uma visão histórica de como surgiu a Coroa de Nossa Senhora das Dores e nos ensina como rezá-la hoje. É um trabalho sério, feito por especialistas em história, liturgia e espiritualidade da Ordem, que mostra a evolução e a prática desse exercício de piedade, que nutriu e continua nutrindo a espiritualidade de tantos irmãos e irmãs da Ordem e das comunidades cristãs que gravitam ao redor dos nossos conventos e igrejas.

Assim como o Rosário, a Coroa é uma oração autenticamente evangélica. Ela evoca os momentos de dor de Maria, narrados pelo evangelho, que a associaram à paixão de Cristo como sua colaboradora na obra da redenção humana. Depois do enunciado de cada dor, reza-se um Pai-nosso, a oração do Senhor (cf. *Mt* 6,9-13), e sete Ave-Marias, isto é, a saudação do arcanjo Gabriel (cf. *Lc* 1,28) e a bênção de Isabel (cf. *Lc* 1,42), seguidas da Santa Maria, prece suplicante que a Igreja criou como complemento da Ave Maria.

A Coroa é aqui apresentada em dois formulários, o tradicional e o novo. O formulário tradicional traz o elenco das sete principais dores de Maria consolidado desde os primórdios, isto é: profecia de Simeão, fuga para o Egito, perda de Jesus no Templo, encontro com Jesus no caminho do Calvário, presença de Maria ao pé da cruz, deposição de Jesus da Cruz, sepultamento. O novo formulário, fruto da reflexão pós-conciliar da Ordem, conserva três episódios-chave do elenco tradicional, isto é, a profecia de Simeão, a fuga para o Egito e a crucifixão, e acrescenta outros, referentes à rejeição de Jesus por parte dos Judeus: o nascimento de Jesus na pobreza, pois não havia lugar para eles na hospedaria (*Lc* 2,6-7); a rejeição de Jesus por parte dos seus concidadãos de Nazaré (*Lc* 4,28-29); a prisão de Jesus e o abandono dos discípulos (*Mt* 26,49-50.56b); e a participação de Maria nos sofrimentos da Igreja nascente (*At* 12,1-3a.5b).

Sobre esse texto da CLIOS, transcrevo aqui alguns trechos da carta de apresentação do então prior geral da Ordem, frei Michel M. Sincerny.

Dizia frei Michel: «A resposta dada por São Filipe aos dois frades dominicanos que lhe perguntaram a que Ordem pertencia, e a visão mariana de São Pedro Mártir, relatada na *Legenda sobre a origem da Ordem*, relacionam o hábito dos Servos de Maria com o mistério da dor de Nossa Senhora: “hábito de viuvez” da Virgem, disse São Filipe<sup>[1]</sup>; hábito que quer expressar a “dor que ela sofreu na paixão atroz do seu Filho”<sup>[2]</sup>, afirma o autor da *Legenda sobre a origem da Ordem*. Nesses textos da primeira metade do século XIV - prossegue frei Michel - pode-se descobrir o germe da amorosa atenção dos Servos de Maria ao mistério da Virgem das Dores, que se desenvolveria nos séculos seguintes e se tornaria um dos elementos mais característicos da espiritualidade da nossa Ordem».

E entrando no mérito da Coroa, diz mais adiante frei Michel: «A partir do século XVII, a amorosa atenção a Nossa Senhora das Dores se expressa também no piedoso exercício da Coroa, que se torna uma das práticas de piedade mais queridas da Ordem e de todos os que compartilham a nossa espiritualidade».

Depois, o prior geral descreve o trabalho da CLIOS: «A Comissão Litúrgica Internacional, respeitando rigorosamente os dados históricos e as exigências do tempo presente, retoma a Coroa de Nossa Senhora das Dores e a reinterpreta em dois formulários: I. Formulário tradicional; II. Novo Formulário».

Por fim, afirma que o texto foi aprovado pelo conselho geral e conclui com estas palavras: «Faço votos que a Coroa de Nossa Senhora das Dores, estruturalmente renovada, seja para os Servos e Servas de Maria objeto de amor e instrumento de uso freqüente, a fim de que possam, através dela, exprimir todo seu amor a Santa Maria,

respondendo ao apelo do Livro do Eclesiástico que encontramos amiúde nos livros de oração da Ordem: “Não esqueças as dores da tua Mãe” (*Eclo 7,27b*)».

Quanto ao roteiro da *Via Matris* aqui publicado, veja a breve introdução que se encontra nas páginas 109-111.

Na introdução do presente trabalho destacam-se três momentos da devoção mariana na história da Ordem dos Servos de Maria: nos primeiros séculos, quando Maria era vista na globalidade do seu mistério; do século XVII até o Concílio Vaticano II, quando tal devoção se concentrou nas Dores de Maria e Nossa Senhora das Dores foi proclamada titular e padroeira principal da Ordem; e nas atuais Constituições, revistas depois do Concílio Vaticano II, as quais, retornam à espiritualidade mariana original, mas salvaguardam a ênfase a Nossa Senhora das Dores, vista como “imagem-guia do nosso compromisso de serviço... aos pés das infinitas cruces da humanidade”<sup>[3]</sup>.

Ainda na introdução, uma síntese de como surgiu e se difundiu o culto a Nossa Senhora das Dores na Ordem e na Igreja e alguns dados sobre a divulgação da devoção e das festas de Nossa Senhora das Dores (ou da Piedade) no Brasil.

Com prazer, ofereço este trabalho aos confrades e coirmãs do Brasil, Portugal e Moçambique, e a todos os devotos de Nossa Senhora das Dores, na esperança que os ajude a crescer no amor e na devoção a Santa Maria, nossa Gloriosa Senhora.

frei José M. Milanez, osm  
São José dos Campos, 15 de setembro de 2004  
Solenidade de Nossa Senhora das Dores

## INTRODUÇÃO

Seguem alguns dados sobre a devoção mariana nos primeiros séculos da história dos Servos de Maria, sua evolução a partir do século XVII até o Concílio Vaticano II e nas Constituições atuais da Ordem; sobre a história da festa litúrgica de Nossa Senhora das Dores na Ordem e na Igreja; e sobre a devoção a Nossa Senhora das Dores ou da Piedade no Brasil.

### I. A devoção mariana na história dos Servos de Maria

Os dois episódios ocorridos nos primórdios da Ordem, acima mencionados pelo prior geral, frei Michel M. Sincerny, nos mostram que os Servos de Maria, desde as origens, veneraram Santa Maria também a partir das dores que Ela sofreu como mãe de Jesus, embora o culto de Nossa Senhora das Dores não estivesse ainda definido e estruturado na vida e na liturgia da igreja da época.

Vejamos os textos:

1º - «Certo dia, [o bem-aventurado Filipe] foi mandado à cidade de Sena, em companhia de um confrade de nome Vítor. No caminho, encontraram dois religiosos da Ordem dos Pregadores, que ficaram surpresos ao ver dois frades com um hábito desconhecido. Curiosos, perguntaram de onde vinham e a que Ordem pertencia o hábito que vestiam. Filipe respondeu-lhes: “Se quiserdes saber sobre a nossa origem, somos naturais desta cidade. Se perguntardes de que condição somos, chamam-nos Servos da Virgem Gloriosa, de cuja viuvez trazemos o hábito»<sup>[4]</sup>.

2º - [A Virgem Maria] revelou ao bem-aventurado Pedro Mártir que esses homens [os Sete Fundadores], ela os reservara para seu particular serviço e que lhes obtivera do Filho a graça de iniciar uma Ordem dedicada ao seu nome [...]. Disse-lhe também que o hábito que eles usavam, a partir de então, deveriam usá-lo para sempre como sinal de humildade e da dor que ela havia suportado na paixão do Filho»<sup>[5]</sup>.

O "hábito da viuvez" de que fala São Filipe é entendido pela *Legenda sobre a origem da Ordem* como um "sinal de humildade e da dor que Maria sofreu na Paixão do Filho". Pode ser entendido também como sinal de luto (daí a cor preta) e memória da solidão em que Ela se encontrou depois da morte e do sepultamento do Filho (daí a Soledade de Maria)<sup>[6]</sup>.

Apesar desses dois textos fundamentais, nos primeiros séculos de sua história, os Servos de Maria veneravam a Virgem Gloriosa no seu mistério global, em perfeita sintonia com o sentido universal da Igreja de então. Ela brilhava aos olhos dos seus Servos como a Mãe de Jesus, intacta na sua virgindade, elevada, sim, à glória celeste, mas sempre presente, com sua solícita misericórdia, às necessidades dos seus filhos peregrinos neste mundo<sup>[7]</sup>.

As primeiras Constituições da Ordem<sup>[8]</sup>, que remontam ao tempo de São Filipe Benizi, reservam todo o capítulo primeiro aos "atos de devoção à bem-aventurada Virgem Maria", prescrevendo duas missas semanais (às quartas-feiras e sábados) e outras orações a serem rezadas pela comunidade em honra da Virgem Maria. Por exemplo: a *Ave Maria* no início das horas canônicas; a *Salve Rainha* depois de cada hora canônica e da refeição comum; e a *Vigília de Nossa Senhora* todas as noites<sup>[9]</sup>.

As atuais Constituições confirmam essa tradição e afirmam que «os Servos de Maria, desde as origens, dedicaram-se à Mãe de Deus, a Bendita do Altíssimo [...]. Honraram Santa Maria como sua Senhora, com atos de particular veneração [...], dedicando-lhe suas igrejas, solenizando suas festas e celebrando sua memória aos sábados e ao término de cada dia»<sup>[10]</sup>.

As festas marianas mais celebradas nos primeiros séculos de história da Ordem eram a Purificação (2 de fevereiro), a Anunciação (25 de março) e a Natividade (8 de setembro)<sup>[11]</sup>. Existem, a propósito, inúmeros documentos notariais da Idade Média que registram doações de comunas italianas feitas às igrejas dos Servos de Maria por ocasião dessas festas marianas<sup>[12]</sup>.

Resumindo, nos primeiros séculos da Ordem, a piedade mariana não privilegiava nenhum aspecto específico da vida de Maria como característica própria da Ordem, mas abrangia todo o seu mistério com grande equilíbrio, solidamente fundado na Sagrada Escritura. Todavia, a partir do século XVII, as coisas começaram a mudar.

Na carta dirigida "a todos os irmãos e irmãs da Ordem" em 9 de agosto de 1992, no terceiro centenário do decreto que proclamou Nossa Senhora das Dores titular e padroeira principal da Ordem, o então prior geral frei Hubert M. Moons apresentava alguns eventos determinantes da segunda metade do século XVII que direcionaram a devoção e a inspiração mariana da Ordem para o culto a Nossa Senhora das Dores<sup>[13]</sup>.

Primeiro, ele cita que em 1668, a sagrada Congregação dos Ritos autorizava a Ordem a celebrar a missa votiva das Sete Dores de Nossa Senhora e a editar o formulário da missa própria para uso interno.

Depois, ressalta que em 1670, a mesma Congregação estendia a toda sexta-feira não impedida a faculdade de celebrar o ofício das Sete Dores de Nossa Senhora, "como uma devoção propriamente e principalmente pertencente à dita Ordem"<sup>[14]</sup>.

Em seguida diz que em 1689, sob proposta do prior geral, frei Júlio M. Arrighetti, os capítulos das províncias italianas aprovaram que a celebração das Sete Dores de Nossa

Senhora do terceiro domingo de setembro fosse declarada festa principal e solene, própria da Ordem.

No ano seguinte, o primeiro decreto do novo prior geral, frei João Francisco M. Poggi, eleito pelo capítulo celebrado em 1690, em São Marcelo, Roma, ratificou o desejo expresso no ano anterior pelas províncias italianas<sup>[15]</sup>.

E, finalmente, em 9 de agosto de 1692, Nossa Senhora das Dores foi proclamada titular e padroeira principal da nossa Ordem. O papa Inocêncio XII, ratificando um decreto anterior da sagrada Congregação dos Ritos, concedia aos frades e às irmãs da Ordem dos Servos de Maria a faculdade de celebrar a festa das Sete Dores de Nossa Senhora no terceiro domingo de setembro, com ofício e missa próprios. O decreto acrescentava que a sagrada Congregação dos Ritos tinha aprovado, no passado, para uso na Ordem dos Servos de Maria o ofício próprio da memória das Sete Dores da bem-aventurada Virgem, sua titular e padroeira, tida "como uma devoção propriamente e principalmente pertencente à dita Ordem". A Santa Sé atendia assim o desejo unânime de toda a Ordem, expresso pelo prior geral, frei João Francisco M. Poggi, e pelo procurador da Ordem, frei Pedro Antônio M. Rossi»<sup>[16]</sup>.

Alguns anos depois, no capítulo geral celebrado em Monte Senário de 18 a 20 de junho de 1895, o recém-eleito prior geral, frei João M. Pagliai, com o acordo do seu conselho, estabelecia que "o espírito da nossa Ordem... é o culto a Nossa Senhora das Dores"<sup>[17]</sup>.

Numa "Regra para noviços" da Observância Germânica dos Servos de Maria, implantada no século XVII nos conventos da Áustria, Boêmia, Alemanha e Hungria, afirma-se explicitamente que a finalidade específica da Ordem é "a meditação da Paixão de Cristo e das Dores que a Virgem Maria sofreu na Paixão do seu Filho e em outros momentos da vida de Cristo"<sup>[18]</sup>.

Neste período, podemos afirmar sem medo de exagerar que a Ordem, através das Confrarias das Sete Dores, outrora chamadas Associações do Hábito "... estendeu sua influência e sua presença indireta em todas as partes do mundo: de Vilnius a Lisboa, de Pequim a Buenos Aires... Muitas dessas pias associações ainda existem e continuam a crescer..."<sup>[19]</sup>. Além disso, na segunda metade do século XVII, "mais de cinquenta institutos religiosos femininos agregaram-se à Ordem, atraídos principalmente por sua particular devoção a Nossa Senhora das Dores"<sup>[20]</sup>.

Dessa forma, do século XVII até meados do século XX, de tal forma priorizou-se a devoção a Nossa Senhora das Dores, que ela chegou a ser considerada como característica principal da Ordem.

Foi neste período que mais se difundiram os exercícios de piedade em honra de Nossa Senhora das Dores, principalmente a Coroa e a *Via Matris*.

Depois do Concílio Vaticano II, com a reforma das Constituições, aprovada pelo capítulo geral de 1968 e confirmada pela Santa Sé em 1987, a Ordem voltou ao núcleo original da sua espiritualidade e do seu serviço inspirado em Maria "Mãe e Serva do Senhor"<sup>[21]</sup>, objetivando "prolongar na história da salvação a presença atuante da Mãe do Senhor"<sup>[22]</sup>. Em outras palavras, a Ordem vê Maria na totalidade da "sua missão no mistério da salvação"<sup>[23]</sup>.

Apesar disso, principalmente em três pontos, as Constituições atuais ainda ressaltam a predileção da Ordem pela devoção a Nossa Senhora das Dores: quando recomendam a celebração da "memória de Nossa Senhora das Dores que, tendo participado da missão do servo sofredor de Javé, foi associada à sua glória"<sup>[24]</sup>; quando recomendam que "o frade tenha em grande estima a tradição de recitar diariamente a Coroa de Nossa Senhora das Dores"<sup>[25]</sup>; quando estabelecem que em "nosso compromisso

de serviço, a figura de Maria ao pé da Cruz seja nossa imagem-guia. Posto que o Filho do homem continua ainda crucificado nos seus irmãos, nós Servos de sua Mãe, queremos estar a seu lado aos pés das infinitas cruzes da humanidade, para levar conforto e cooperação redentora”<sup>[26]</sup>.

Em outras palavras, a devoção a Nossa Senhora das Dores não deve limitar-se a determinadas práticas de piedade, mas deve orientar a nossa conduta segundo modelo que Maria nos traçou ao pé da cruz do Filho. Onde houver cruz, aí estará a verdadeiro Servo de Maria com sua solidariedade e compaixão, para confortar, curar as feridas e levar esperança de dias melhores.

A misericórdia, entendida como prática do perdão nas relações fraternas e ajuda aos necessitados (veja a parábola do bom samaritano), é “uma das características dos Servos de Maria, que prolongam em sua vida o exemplo da Mãe de Deus”<sup>[27]</sup>.

Assim se expressa o documento mariano do capítulo geral dos Servos de Maria de 1983: «A imagem da Senhora das Dores estimula-nos e guia-nos para acercar-nos do mistério da dor e da morte numa visão de fé: visão essa que projeta sempre a luz da vida. Não temos explicações racionais para tais mistérios, nós dispomos apenas de uma experiência de fé a propor: a Páscoa do Cristo, a morte tragada pela Vida (cf. *1Cor* 15,54), a certeza de que Deus, em sua misericórdia, transformará a pena da dor em instrumento de salvação. Maria viveu essa experiência junto de seu Filho. Por isso, a piedade mariana incute-nos esperança e leva-nos a adotar “soluções de vida” mesmo quando a dor é cruciante e a morte abre passagem»<sup>[28]</sup>.

## 2. O culto a Nossa Senhora das Dores <sup>[29]</sup>

O primeiro documento que fala da festa litúrgica de Nossa Senhora das Dores é um decreto do Concílio Provincial de Colônia, Alemanha, de 1423, que introduz na região esta festa como reparação aos ultrajes feitos pelos seguidores de João Huss às imagens do Crucificado e da Virgem Maria aos pés da Cruz.

Diz textualmente o decreto: «Ordenamos e estabelecemos que, de agora em diante, a comemoração da angústia e da dor da bem-aventurada Virgem Maria seja celebrada todo ano, na sexta-feira depois do terceiro domingo após a Páscoa».

A festa evoca a cena do Calvário e a “recomendação” ou a “entrega” (= *commendatio*) da mãe que Jesus, agonizante na cruz, fez a João.

Anos depois, em 1482, o papa Sisto IV introduziu no Missal Romano a missa de “Nossa Senhora da Piedade”, que também evocava o acontecimento salvífico da presença de Maria ao pé da cruz.

Isso fez com que a festa se difundisse no ocidente com várias denominações e em datas diversas. Era também, chamada de “Transfixão ou martírio do Coração da B. Virgem Maria”, “Compaixão da B. Virgem Maria”, “Lamentação de Maria”, “Pranto da B. Virgem Maria”, “Sete Dores da B. Virgem Maria”. Como se vê, passa-se da cena ao pé da cruz (“*commendatio*”) para as diversas dores da vida de Maria (“*Septem Dolores*”).

Quanta à data, a festa era celebrada imediatamente antes ou depois da Páscoa.

Em 1668, a Sagrada Congregação dos Ritos autorizou a Ordem dos Servos de Maria a celebrar a missa votiva das Sete Dores da bem-aventurada Virgem Maria no terceiro domingo de setembro, com um formulário semelhante ao de 1482. Essa missa é a mesma inserida no Missal de Pio V na sexta-feira da Paixão.

Na realidade, a festa da Sexta-feira da Paixão, concedida em 1714 aos Servos de Maria, em 1727, a pedido deles, foi estendida a toda a igreja latina pelo papa Bento XIII, mediante o decreto *Urbis et Orbis*.

Coube a Pio VII, em 1814, estender a toda a Igreja latina a festa das Sete Dores de Nossa Senhora do terceiro domingo de setembro, ordenando que se utilizassem os mesmos formulários do ofício divino e da missa já em uso na Ordem dos Servos de Maria.

Com a reforma litúrgica promovida por Pio X em 1911, que visava a dar maior destaque ao Domingo como Dia do Senhor, a festa de Nossa Senhora das Dores foi antecipada para o dia 15 de setembro. Por fim, o Calendário Romano promulgado em 1960, suprimiu a comemoração da sexta-feira da Paixão e manteve só a de setembro, sob o título de "Nossa Senhora das Dores".

Contudo, o calendário próprio da Ordem, aprovado pela Congregação do Culto Divino em 1971, traz seja a "festa" da sexta-feira depois do quinto domingo de quaresma chamada "Bem-aventurada Virgem Maria ao pé da Cruz", seja a "solenidade" de 15 de setembro em honra de "Nossa Senhora das Dores, padroeira principal da Ordem".

### 3. A devoção a Nossa Senhora das Dores no Brasil

O culto de Nossa Senhora das Dores, divulgado em Portugal pelos padres da Congregação do Oratório, chegou ao Brasil no século XVIII, e localizou-se inicialmente em Vila Rica do Ouro Preto, Minas Gerais, onde, a partir de 1770 até recentemente, o Setenário das Dores, segundo tradição da Irmandade Dolorosa de Braga, era celebrado com grande pompa em sete sextas-feiras, a começar da sexta-feira antes do carnaval até a semana da Paixão. Brito Machado assim descreve o evento: "Quando o sino da igreja anunciava o início do Setenário, não havia vestido preto que não estivesse preparado; as correntes, medalhas e adornos de ouro já estavam à mão e os ternos pretos convenientemente escovados e prontos para a cerimônia, na qual o povo exibia seus melhores trajés"<sup>[30]</sup>.

São dignas de menção a igreja de Nossa Senhora das Dores de Porto Alegre, com suas duas majestosas torres, sita à Rua dos Andradas, no centro da cidade, que é hoje uma das mais conhecidas da capital gaúcha<sup>[31]</sup>; a Capela das Dores ou Capelinha de Paraty (RJ), construída em 1800, que foi a igreja da moda no tempo do Império, freqüentada pela elite branca de Paraty; a primitiva Capela de Nossa Senhora das Dores construída em 1780 no bairro de Antônio Dias, em Ouro Preto (MG), substituída em 1835 pela capela atual, com sua estrutura totalmente de pedra; e a igreja-matriz de Nossa Senhora das Dores, de Juazeiro do Norte (CE), diocese de Crato, hoje Santuário diocesano, onde foi pároco o padre Cícero Romão, grande devoto de Nossa Senhora, o qual dizia: "Juazeiro tem sido um refúgio dos náufragos da vida. Tem gente de toda parte que, modestamente, vem abrigar-se debaixo da proteção da Santíssima Virgem"<sup>[32]</sup>.

O povo brasileiro sempre teve grande devoção a Nossa Senhora das Dores. Hoje existem no Brasil cerca de 116 paróquias dedicadas a ela, sem contar capelas, escolas, colégios e outras instituições que a têm como titular. Quanto ao nome, a experiência dolorosa de Maria é venerada principalmente sob três títulos. É Nossa Senhora das Dores, pela série de dores que sofreu, principalmente na infância de Jesus (profecia de Simeão, fuga para o Egito e perda de Jesus no Templo) e na sua paixão, morte de cruz e sepultamento. É Nossa Senhora da Piedade quando recebe no colo o seu filho morto, retirado da cruz. É Nossa Senhora da Soledade, quando deposita Jesus no sepulcro<sup>[33]</sup>.

Algumas arquidioceses e dioceses brasileiras, como Caruaru (Pernambuco), Teresina (Piauí), Cajazeiras (Paraíba), Coroatá (Maranhão), Limeira (São Paulo) e Tubarão (Santa Catarina) a têm como padroeira principal, sob o título de Nossa Senhora das Dores ou da Piedade. É titular das catedrais de Caruaru (PE), Cajazeiras (PB), Guaxupé e Januária (MG), Limeira (SP), Teresina (PI) e Tubarão (SC). É padroeira dos municípios de

Caruaru, Cajazeiras, Teresina e Tubarão<sup>[34]</sup>. Existe até uma cidade, em Sergipe, chamada Nossa Senhora das Dores, distante 70 quilômetros da capital Aracaju e com 22 mil habitantes.

O Estado de Minas Gerais tem Nossa Senhora da Piedade como sua padroeira, proclamada tal em 1968 pelo papa João XXIII. As cerimônias oficiais de consagração do Estado à sua padroeira realizaram-se em 31 de julho de 1960 na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, com a presença do governador do Estado e de outras autoridades civis, militares e religiosas<sup>[35]</sup>.

Alguns fatos explicam porque o Estado de Minas Gerais a tem como sua padroeira. A devoção foi trazida de Portugal e a primeira igreja a ela dedicada foi inaugurada em 1748 em Barbacena. Em 1779, na atual Caeté, numa montanha a quase 1800 metros de altitude, foi construída uma capela a ela dedicada. Por isso a serra local passou a chamar-se Serra da Piedade. A partir de então, Nossa Senhora da Piedade passou a ser considerada como protetora geral de todos os mineiros<sup>[36]</sup>.

Em sua tese de mestrado em Mariologia, intitulada "*A Virgem Maria na cultura afro-brasileira*", nosso confrade, frei Dilermando Ramos Vieira, ressalta um aspecto interessante da devoção mariana no Brasil. Citando J. F. Hauck, afirma que, desde o período colonial, a devoção dos brasileiros a Maria tem duas manifestações: primeiro, a busca do milagre e da proteção contra os perigos tão comuns na vida das pessoas sem recursos; depois, a identificação com a Mãe de Deus, compartilhando dos seus sentimentos: daí a devoção a Nossa Senhora das Dores ou Nossa Senhora da Piedade. Ainda hoje, numa procissão "do encontro" ou "do Senhor morto", o povo participa, sente-se oprimido e flagelado com Jesus e sofre como a sua Mãe<sup>[37]</sup>. Em outras palavras, nos sofrimentos e nas agruras da vida presente, o povo se identifica com Maria e busca nela a força necessária para superar ou, pelo menos, suportar o sofrimento.

Os primeiros Servos de Maria chegaram ao Brasil em 1920, num momento em que a devoção a Nossa Senhora das Dores era muito forte na Ordem e logo procuraram divulgá-la. Dedicaram-lhe igrejas e capelas, entronizaram nelas as estações da *Via Matris*, fundaram confrarias de Nossa Senhora das Dores e incentivavam o povo a rezar a Coroa das Sete Dores.

Como resultado disso, das sete comunidades que a Ordem tem hoje no Brasil, quatro têm Nossa Senhora das Dores como padroeira principal: a Igreja paroquial do Rio Comprido, Rio de Janeiro; a Igreja paroquial do Ipiranga, São Paulo; o convento de São José dos Campos, São Paulo; e o Seminário Menor de Turvo, Santa Catarina. E mesmo nas outras igrejas atendidas pelos nossos frades, embora não sendo titular, a imagem de Nossa Senhora das Dores sempre ocupa um lugar de destaque.

A COROA  
DE NOSSA SENHORA DAS DORES

## Introdução

1. Ao longo dos séculos surgiram na Igreja várias “coroas”, como expressão de piedade para com a Virgem Santa. Dentre elas, destaca-se o *Rosarium beatæ Mariæ Virginis Perdolentis* (Rosário da bem-aventurada Virgem Dolorosa)<sup>[38]</sup>.

2. Pelo aporte determinante que os frades Servos de Maria deram à sua composição e pelo zelo com que a divulgaram no meio do povo cristão, a Coroa de Nossa Senhora das Dores pode ser considerada uma prática de piedade *própria* da Ordem.

## I. PERFIL HISTÓRICO

3. Não se sabe bem como começou a Coroa de Nossa Senhora das Dores, mas é certo que seu início coincide com o crescimento do culto a Nossa Senhora das Dores ocorrido no início do século XVIII<sup>[39]</sup>.

## Formas incipientes

### ***Sete Pai-Nossos e sete Ave-Marias***

4. Uma forma incipiente da Coroa de Nossa Senhora das Dores encontra-se num exercício de piedade ao qual Paulo V (†1621) concedeu indulgências com o breve *Cum certas uniuque*, de 14 de fevereiro de 1607. Esse documento pontifício concede muitas indulgências aos exercícios de piedade praticados pelos irmãos e irmãs das “Confrarias de Santa Maria”<sup>[40]</sup>, erigidas nas igrejas dos Servos de Maria. Entre outras coisas, o papa concede sessenta dias de indulgência a quem recitar, aos sábados, sete Pais-Nossos e sete Ave-Marias em honra das Sete Dores da Santíssima Virgem Maria: “*Toda vez que os referidos confrades e coirmãs [...], no mesmo dia (sábado) rezarem sete vezes a oração do Senhor (Pai-Nosso) e o mesmo número da saudação angélica (Ave-Maria) [...], nós lhes concedemos sessenta dias de indulgência [...]*”<sup>[41]</sup>.

5. Todavia, essa não é, estritamente falando, a Coroa de Nossa Senhora das Dores, mas já contém alguns dos seus elementos constitutivos, como:

- os sete *Pai-Nossos*,
- a referência explícita às sete dores da Virgem Maria,
- o “sete” como o número-chave desse exercício de piedade.

No entanto, as sete *Ave-Marias*, parte do exercício de piedade indulenciado por Paulo V, não são ainda as “sete setenas” de *Ave-Marias* que passariam a ser um elemento fundamental da Coroa de Nossa Senhora das Dores e lhe dariam o ritmo litânico que a caracterizam.

### ***Os mistérios dolorosos do Rosário***

6. Uma segunda forma incipiente da Coroa de Nossa Senhora das Dores encontra-se numa espécie de “adaptação do Rosário” proposta pelo frei Arcângelo Ballattini de Bolonha

(†1622), um dos principais artífices da promoção do culto a Nossa Senhora das Dores na espiritualidade da Ordem. Em sua obra "*Fonte Salutifera di Gesù ornata di considerazioni, meditazioni e soliloquii devoti e affettuosi*" (*Fonte salvífica de Jesus ornada de considerações, meditações e solilóquios devotos e afetuosos*)<sup>[42]</sup>, publicada em Veneza em 1608, exorta os terciários a recitarem diariamente os mistérios dolorosos do Rosário e sugere que prestem particular atenção à dor que a paixão do Filho provocou no coração da Mãe.

"Ao terminar a recitação do «Rosário doloroso» - acrescenta frei Arcângelo - pode-se meditar afetuosamente sobre a Santíssima Virgem Maria ao pé da Cruz, a qual, com grande sofrimento, recebe nos braços o corpo do Filho Jesus Cristo nosso Salvador"<sup>[43]</sup>.

Para facilitar aos terciários o uso desse método, frei Arcângelo compôs sete "meditações sobre os sagrados mistérios da paixão de Jesus Cristo e sobre a compaixão de sua piedosíssima Mãe, e os distribuiu em sete seções, para os sete dias da semana, a fim de que, mudando cada dia os pontos de meditação, sinta a alma maior devoção, e o corpo, maior consolação"<sup>[44]</sup>.

**7.** Essa inovação cultural de frei Arcângelo é simples e, ao mesmo tempo, corajosa:

- *simples*, porque introduz na estrutura já consolidada da Coroa do Rosário<sup>[45]</sup> um elemento novo, autenticamente "servita", vale dizer, a meditação explícita da dor que a Virgem sofreu na paixão de Cristo;

- *corajosa*, porque, afastando-se da tradição do Rosário, propõe a reza diária dos mistérios dolorosos, priorizando assim a contemplação da paixão de Cristo e deixando em segundo plano a memória dos mistérios gozosos e gloriosos.

Desses elementos propostos por frei Arcângelo, terão influência decisiva na futura composição da Coroa a *meditação quotidiana* dos mistérios dolorosos (a Coroa de Nossa Senhora das Dores viria a ser quotidiana na prática de piedade dos terciários Servos de Maria), e a *estrutura do Rosário* (a Coroa tomaria a estrutura do Rosário, embora reduzindo de dez para sete as *Ave-Marias*).

## Como nasceu a Coroa

**8.** Não se exclui que ulteriores estudos possam levar à descoberta de outras estruturas que, como as já mencionadas, sejam identificadas como "formas incipientes" da Coroa de Nossa Senhora das Dores. Isso indicaria que o tempo do seu nascimento era iminente.

Presume-se que esse exercício de piedade se tenha originado da adaptação da estrutura do Rosário ao costume já mencionado de meditar diariamente as sete dores de Maria. No entanto, no estágio atual dos estudos, não se pode determinar com precisão em que ano, em que lugar e por obra de quem a Coroa recebeu sua estrutura clássica ou *forma recepta*<sup>[46]</sup>.

**9.** Em 1617, frei Arcângelo Ballottini publica em Bolonha a *Pratica di recitare la corona della beatissima Vergine Maria* (*Prática da reza da coroa da santíssima Virgem Maria*), da qual, lamentavelmente, nenhuma cópia chegou até nós<sup>[47]</sup>. Dois anos mais tarde, em 1619, frei Arcângelo publica a obra *Discorso sopra la corona delli sette dolori che sostenne la beata Vergine Maria nella passione e morte del suo diletissimo figliuolo e salvatore nostro Gesù Christo* (*Discurso sobre a coroa das sete dores que suportou a bem-aventurada Virgem Maria na paixão e morte do seu diletíssimo filho e salvador nosso Jesus Cristo*)<sup>[48]</sup>.

Um ano antes, em 1618, frei Gregório Alasia de Sommariva del Bosco (+1626) mandara publicar em Roma a *Corona septem dolorum beatae Mariae Virginis, figurata* (*Coroa das Sete Dores da bem-aventurada Virgem Maria, ilustrada*), que também foi perdida<sup>[49]</sup>.

Uma nota de frei Carlos Vicente Maria Pedini, citada na obra autografada *Istoria del convento di Bologna* (*História do convento de Bolonha*), documenta de maneira significativa os primeiros passos e a difusão da Coroa de Nossa Senhora das Dores na célebre igreja bolonhesa de Santa Maria dos Servos.

“Em 1640, por ordem do prior geral, frei Ângelo M. Bernardi de Perúcia, no domingo da paixão, na igreja e em todo o povoado, começou a ser recitada publicamente a Coroa das Sete Dores, diante da imagem de Nossa Senhora das Dores, cuja devoção continuou a ser praticada daí por diante todo domingo e dia festivo, depois das Vésperas, por um religioso designado pelo mesmo prior geral. Um opúsculo sobre esse exercício de piedade e sobre o modo como devia ser celebrado foi mandado imprimir em Bolonha no mesmo ano, quando era prior frei Antônio Zani de Bolonha. E daí por diante a devoção se difundiu em muitas igrejas da nossa província e da Ordem”<sup>[50]</sup>.

Em 1645 foi publicado em Todi o opúsculo *Tesoro delle grandezze spirituali della santissima Compagnia dell’abito dei Servi di Maria Vergine in memoria dei sette dolori patiti da lei... con un breve modo di recitarli* (*Tesouro das grandezas espirituais da santíssima Confraria do Hábito dos Servos da Virgem Maria, em memória das dores que ela sofreu... com uma breve instrução sobre como rezá-las*), composto por frei Filipe Dragoni de Lucignano de Val di Chiana<sup>[51]</sup>.

**10.** Essa resenha não tem a pretensão de ser exaustiva. Visa apenas a identificar as primeiras provas da existência da Coroa de Nossa Senhora das Dores, que nos possibilitam fixar sua origem entre 1607 e 1617, e constatar sua rápida difusão na Ordem.

**11.** Os primeiros dados históricos nos mostram que a Coroa não começou como uma prática de piedade improvisada ou estranha à vida da Ordem, mas sim como expressão cultural de uma espiritualidade mariana bastante difundida entre os Servos de Maria do final do século XVI e início do século XVII. Inicialmente, mais do que alimentar a vida espiritual dos frades, tinha como objetivo pôr à disposição dos leigos pertencentes à “Confraria do Hábito” um exercício espiritual (piedoso exercício ou prática piedosa) que os ajudasse a alimentar a sua devoção.

## **Os capítulos gerais**

**12.** Como acontece com a maioria das práticas de piedade, também a Coroa, no início, não foi um piedoso exercício “oficial” da Ordem. Era apenas uma proposta pessoal de alguns frades, profundamente convencidos do valor ascético e apostólico da devoção a Nossa Senhora das Dores e do dever que incumbia aos Servos de Maria de difundi-la entre os fiéis.

**13.** Na primeira metade do século XVII, os frades, em geral, têm a seguinte atitude diante da “Coroa”: consideram a devoção das “Sete Dores” um fato antigo, confirmado pela autoridade da Igreja, que a Ordem não pode ignorar nem modificar em sua substância<sup>[52]</sup>. Todavia, estão conscientes de que a “Coroa” é uma prática de piedade nova na sua formulação. Por isso, esforçam-se para explicá-la aos fiéis e para proporcionar-lhes um “método” adequado para rezá-la.

**14.** Daí se entende porque, num primeiro momento, o modo de rezar a Coroa de Nossa Senhora das Dores não era igual em todas as províncias e conventos da Ordem.

### ***Os capítulos gerais de 1646 e de 1652***

**15.** Logo se adverte a necessidade pastoral e disciplinar de adotar em toda a Ordem um modo único de rezar a Coroa.

O assunto foi estudado no capítulo geral celebrado em Roma de 19 a 23 de maio de 1646. Na tarde do dia 19 de maio, quando foi eleito o novo prior geral, frei Hipólito Bazzani de Ferrara, o capítulo encarregou os dois frades milaneses, Ângelo M. Cornélio e José M. Cignardi, para elaborar “um método para rezar a coroa, único para toda a Ordem, para meditar publicamente as dores da Santíssima Virgem Maria”<sup>[53]</sup>. Entre os decretos desse capítulo, publicados num segundo momento, há um que se refere ao modo correto de rezar a Coroa, que se encontra num livreto impresso em Milão. Diz o decreto: “*Nos exercícios espirituais que recordam as dores de Santa Maria adote-se o método prescrito pela Ordem e impresso em Milão, para que seja igual em todas as partes da Ordem*”<sup>[54]</sup>.

Lamentavelmente, nenhum exemplar do livreto citado pelo capítulo geral chegou até nós. Por isso, não sabemos exatamente qual era o método proposto.

**16.** Presume-se que o decreto do capítulo geral de 1646 tenha encontrado alguma dificuldade para ser cumprido. Isso porque o capítulo geral de 1652, também celebrado em Roma de 19 a 22 de maio, confirmou o decreto do capítulo anterior com estas palavras: “*Depois, foi confirmado para todos os conventos da nossa Ordem o decreto do capítulo geral de 1646, referente ao modo de rezar a Coroa das Sete Dores da Santíssima Virgem, impresso em Milão*”<sup>[55]</sup>.

### ***A Assembléia geral de 1660***

**17.** Em 1658, deveria ter-se reunido o capítulo geral eletivo, mas isso não ocorreu. Por isso, o papa Alexandre VII (†1667) escolheu pessoalmente o novo governo da Ordem, nomeando frei Calisto M. Puccinelli primeiro como vigário (em 5 de dezembro de 1658) e depois como prior geral (no início de 1660).

Em lugar do capítulo, em 8 de janeiro de 1660, foi convocada a Assembléia Geral que se reuniu em Reggio Emilia em 30 de maio do mesmo ano. Nela também se tratou da questão do modo de rezar a Coroa de Nossa Senhora das Dores e emanou-se um decreto de teor bastante polêmico: “*Capítulo 3º - Nos exercícios espirituais que recordam as Dores da Bem-aventurada Virgem observe-se em todo lugar o rito e o método antigo, considerando e começando as Dores da bem-aventurada Virgem com a circuncisão de Nosso Senhor Jesus Cristo; e em todo lugar seja rejeitado e suprimido qualquer outro método; e ninguém se afaste do que foi definido pela Igreja, a fim de que seja igual para toda a Ordem*”<sup>[56]</sup>.

Provavelmente, considerando como “novo” o método proposto pelos capítulos gerais de 1646 e de 1652, a Assembléia geral defende com vigor a recitação da Coroa de Nossa Senhora das Dores segundo o “método antigo”.

**18.** O fato é que a “Coroa das Sete Dores” era recente demais para se falar de um “método antigo” para rezá-la e para que, invocando a autoridade da Igreja, se pudesse “rejeitar e suprimir qualquer outro método”. Talvez a controvérsia se referia apenas ao

conteúdo da Primeira Dor, que a Assembléia de 1660 fazia questão que fosse o sofrimento padecido pela Virgem Maria na circuncisão de Jesus. No entanto, inclusive sobre esse ponto, a pesquisa histórica parece não concordar com o decreto da Assembléia de Reggio Emilia. De fato, desde a primeira metade do século XIV, quando o número das sete dores já está definitivamente definido, existem duas maneiras de iniciar a seqüência das "Dores", ou seja:

- nos exercícios de piedade em que as "sete dores" da Virgem se consideram unicamente a partir de episódios referentes à paixão de Cristo, a "primeira dor" era a prisão no Horto das Oliveiras<sup>[57]</sup>;

- mas, nos exercícios de piedade que consideram as dores da Virgem Maria de uma forma mais ampla, incluindo também os episódios da infância de Jesus, a "primeira dor" é a profecia de Simeão<sup>[58]</sup>.

De qualquer forma, a série das "sete dores" que começa com a circuncisão de Jesus tem pouco fundamento. Além disso, pelo que nos consta até o presente, não existe nenhum documento pontifício que imponha iniciar a série das sete dores com o sofrimento que Maria enfrentou na circuncisão de seu Filho.

**19.** Qualquer que tenha sido o efeito imediato, o decreto da Assembléia de Reggio Emilia não teve vida longa. Num opúsculo publicado dezoito anos depois, em 1678, por frei Lourenço Giusti de Florença (†1685) intitulado *Scuola per imparare a meditare i sette dolori di Maria Vergine (Escola para aprender a meditar sobre as sete dores da Virgem Maria)*, que descreve detalhadamente "o modo de rezar a Coroa das Sete Dores da Virgem Santíssima", a primeira dor é a profecia de Simeão<sup>[59]</sup>. Sem dúvida, com o passar dos anos, prevaleceu a série de dores que desde 1612 havia proposto frei Ancângelo Ballottini, o qual também apelara à autoridade da "santa mãe Igreja".

### **... Sete foram suas dores principais**

A primeira, quando apresentou Jesus no Templo e ouviu estas palavras do sacerdote Simeão: este filho será como uma espada de dor a te traspassar a alma: *Et tuam ipsius animam pertransivit gradus.*

A segunda, quando fugiu para o Egito devido à perseguição de Herodes.

A terceira, quando perdeu o filho na viagem a Jerusalém e o encontrou depois de três dias no templo, discutindo com os doutores.

A quarta, quando o encontrou carregando a cruz no caminho do Calvário.

A quinta, quando o viu crucificado.

A sexta, quando, descido da cruz, o recebeu nos seus braços.

A sétima, quando o acompanhou ao sepulcro<sup>[60]</sup>.

### **A Coroa nas Constituições**

**20.** Composta pelos frades para fomentar a piedade dos leigos que se inspiram na espiritualidade dos Servos de Maria, a Coroa das Sete Dores, por um fenômeno raro em casos similares, "retorna" aos próprios frades e entra a fazer parte dos seus hábitos devocionais e dos exercícios de piedade recomendados pelas Constituições.

Destaca-se em primeiro lugar a menção à "Coroa das Sete Dores" nas Constituições da Observância Germânica, porque é neste ambiente que, pela primeira vez, se cita um

texto constitucional. Mais tarde, a partir do texto constitucional de 1907, a Coroa aparece também nas Constituições “comuns” de toda a Ordem.

### ***A "Coroa das Sete Dores" nas Constituições da Observância Germânica***

**21.** Como se sabe, a origem da assim-chamada Observância Germânica está ligada à fundação do convento de Innsbruck, na Áustria, por Ana Catarina Gonzaga (†1621), filha de Guilherme, duque de Mântua, segunda esposa de Fernando, arquiduque da Áustria. Viúva, em 1822, recebeu o hábito dos Servos de Maria e o nome de Ana Juliana e fundou um convento de frades, convocando para tal fim alguns eremitas de Monte Senário.

A espiritualidade dos frades da Observância Germânica é marcada por uma profunda devoção às dores da Virgem Maria, como aparece na frase do texto de uma regra para noviços, segundo a qual a finalidade específica da Ordem deve ser a “meditação da paixão de Cristo e das dores que a Virgem sofreu na paixão do Filho e em outros acontecimentos da vida de Cristo”<sup>[61]</sup>.

Nesse clima espiritual compreende-se que é normal encontrar nas Constituições da Observância Germânica uma menção explícita aos exercícios de piedade em honra da Virgem dolorosa e, em particular, à Coroa das Sete Dores.

A *Coroa de Nossa Senhora das Dores* é citada em dois capítulos das Constituições:

- no capítulo I, que trata *De reverentiis B. M. V. exhibendis*, onde se prescreve que os frades, como sinal exterior de sua pertença à “milícia” da Ordem, sob o estandarte da Mãe das Dores, devem trazer dependurada no lado direito do cinto do hábito a “Coroa das Sete Dores”<sup>[62]</sup>;

- no capítulo III, que trata *De mortuorum suffragiis*, onde se prescreve o número de coroas de Nossa Senhora das Dores que, segundo o caso, os irmãos leigos devem recitar em lugar do Ofício dos Defuntos<sup>[63]</sup>.

### ***A "Coroa das Sete Dores" nas Constituições "comuns" dos Servos de Maria***

**22.** Nas Constituições “comuns” dos Servos de Maria, a primeira menção à “Coroa das Sete Dores” só aparece no texto de 1907, fruto dos trabalhos realizados pelo capítulo geral celebrado em Roma em 1905 e publicados em 2 de julho de 1907 pelo prior geral, frei José M. Luchesi.

A menção tardia à Coroa das Sete Dores nas Constituições explica-se pelo fato que os textos constitucionais publicados nos séculos XVII e XIX, exatamente em 1643 e 1766, em sua substância, não passam de meras reedições do texto constitucional de 1580, o qual, naturalmente, não mencionava a “Coroa das Sete Dores”.

### ***A "Coroa das Sete Dores" um exercício que alimenta a piedade dos frades***

**23.** No capítulo V das Constituições de 1907, que trata *De oratione mentali, confessione et communione*, aparece esta exortação dirigida a todos os frades: “Para alimentar mais o espírito, recomenda-se a todos a leitura espiritual. Recomenda-se também a recitação da Coroa das Sete Dores da bem-aventurada Virgem Maria”<sup>[64]</sup>.

É neste quadro, isto é, entre os exercícios piedosos recomendados para alimentar o espírito dos frades que, embora tardiamente, a Coroa das Sete Dores entra nas Constituições da Ordem.

### ***A "Coroa das Sete Dores" parte do hábito dos Servos de Maria***

**24.** Nos capítulos provinciais celebrados durante o mandato do prior geral, frei João Vicente Luchesini (1672-1678), tornou-se obrigatório trazer ao lado, dependurada no cinto, a "Coroa das Sete Dores", que passou a ser um elemento característico do hábito dos Servos de Maria. No relatório apresentado no final do seu mandato ao capítulo geral de 1678, frei Luchesini presta contas aos capitulares sobre essa sua iniciativa com estas palavras: "que todos, inclusive nas viagens, se sintam obrigados a trazer sempre a Coroa dependurada na cintura"<sup>[65]</sup>.

Essa práxis, consolidada pelos atos legislativos do prior geral frei Luchesini, passou a ser norma constitucional em 1907: "*A túnica seja ajustada ao corpo com um cinto de couro preto, com fivela de osso ou de ferro, sem adornos, na qual nada se dependure a não ser, à direita, a Coroa das Sete Dores da bem-aventurada Virgem Maria*"<sup>[66]</sup>.

Para os frades Servos de Maria, presbíteros ou irmãos, para as monjas e as religiosas das Congregações agregadas à Ordem, a Coroa não era só uma parte do hábito religioso, mas também um sinal de amor a este exercício de piedade e um meio para praticá-lo no dia-a-dia.

### ***A "Coroa das Sete Dores" substitui a coroa do Rosário***

**25.** Nas Constituições de 1556, impressas em Bolonha no governo geral de frei Lourenço Mazzocchi (1554-1557), no capítulo II que trata *De officio ecclesiae*, prescreve-se para os irmãos leigos e os frades que não sabem ler a recitação da "coroa" em lugar do Ofício Divino: "*Os leigos e os que não sabem ler participem diariamente da missa e, em lugar de todas as Horas, recitem a coroa, como é vulgarmente conhecida, a fim de que possam atender mais comodamente aos seus afazeres dentro e fora de casa*"<sup>[67]</sup>.

Pela primeira vez, entra nas Constituições da Ordem uma prática de piedade com o nome de "coroa". Antes, as Constituições antigas e as Constituições de 1503 mandavam rezar cento e cinquenta e cinco *Pai-Nossos* em lugar do Ofício Divino<sup>[68]</sup>.

**26.** As Constituições de 1556 não tiveram êxito. De fato, foram retiradas no final do mandato de frei Mazzocchi<sup>[69]</sup> e, alguns anos depois, em 25 de abril de 1569, foram oficialmente abolidas por São Pio V (†1572)<sup>[70]</sup>. Apesar disso, a norma de substituir o Ofício divino pela "coroa" era inteligente e, por isso, foi mantida. Com algumas variantes, foi codificada nos textos constitucionais seguintes, inclusive no de 1940<sup>[71]</sup>.

Nas Constituições de 1643 adota-se um critério análogo em relação ao Ofício dos Defuntos que se celebra quando morre um frade: "*Quando alguém da nossa Ordem emigrar da luz desta vida, cada presbítero rezará três missas pela sua alma; os clérigos, o Ofício dos mortos; e os que não sabem ler, duas Coroas da bem-aventurada Virgem*"<sup>[72]</sup>.

**27.** Resta saber a que "coroa" se referiam as Constituições de 1556. Certamente não à "Coroa das Sete Dores", então ainda inexistente, nem tampouco, por motivos óbvios, à "Coroa dos Cinco Salmos" ou "do Santíssimo Nome de Maria"<sup>[73]</sup>.

Na época em que a norma foi emanada (segunda metade do século XVI), a difusão dessa prática piedosa entre os fiéis ("corona ut *vulgo* dicitur") e o lugar que haveria de ocupar, ou seja, de substituir os salmos do Ofício Divino, nos levam a identificar tal "coroa" como sendo o piedoso exercício então conhecido por *Psalterium beatae Mariae Virginis* (exatamente porque substituíam os cento e cinquenta salmos de Davi), ou por *Rosarium beatae Mariae Virginis* (pela "coroa de rosas" que a seqüência de *Ave-Marias* tecia em honra da Virgem Maria) ou simplesmente *Coroa* <sup>[74]</sup>.

**28.** O crescente apreço à "Coroa das Sete Dores" foi aos poucos levando os frades a verem nos artigos constitucionais que falam da *Corona beatae Virginis* ou simplesmente da *Corona* <sup>[75]</sup> uma referência à "Coroa das Sete Dores".

Mais do que uma leitura histórica ou jurídica, trata-se de uma interpretação existencial dos textos. Os irmãos leigos, que eram os frades mais interessados, resolveram, na prática, eventuais dúvidas filológicas. Para eles, os artigos se referiam à "Coroa das Sete Dores", que eles rezavam com sincera devoção e com todo o carinho que se reserva às coisas próprias.

**29.** Não só os frades leigos, mas toda a Ordem começou a substituir o Rosário pela "Coroa das Sete Dores". Na segunda metade do século XIX, o crescente apreço e importância que os papas deram ao Rosário, de certa forma enfraqueceram a vitalidade e o crescimento da "Coroa das Sete Dores". Por isso, em 1885, o prior geral, frei Pedro Francisco M. Testa (1882-1888), apresentou a Leão XIII (+1903) o seguinte pedido: "*Beatíssimo Padre. O prior geral dos Servos de Maria, prostrado aos vossos santos pés e beijando-os, suplica humildemente de V. S. a graça de poder rezar em todas as igrejas da Ordem a Coroa das Sete Dores de Maria Santíssima em lugar da Coroa do Rosário, toda vez que for prescrito para as sagradas celebrações, sem prejuízo das santas indulgências que lhe são concedidas*".

Se considerarmos, de um lado, o zelo de Leão XIII pela difusão do Rosário, e de outro, a absoluta equivalência entre os dois exercícios de piedade, inclusive o aspecto nada desprezível das indulgências solicitadas pelo prior geral dos Servos de Maria, uma resposta negativa do papa não seria surpreendente. Mas, pelo contrário, a resposta foi totalmente positiva: "*Da audiência de S. S. (o papa) do dia 12 de setembro de 1885: nosso Santíssimo Senhor, papa Leão XIII, ouvido o pedido do solicitante, dignou-se acolhê-lo plenamente e acatar de bom grado os desejos de toda a Ordem dos Servos da bem-aventurada Virgem Maria*" <sup>[76]</sup>.

Se a concessão valia para os fiéis que freqüentavam as igrejas dos Servos de Maria, inclusive como possível prescrição do papa, não haveria porventura de valer também para os próprios frades, em se tratando de um artigo das Constituições?

**30.** A concessão de Leão XIII favoreceu a conclusão do processo de interpretação dos termos *Corona beatae Mariae Virginis* e *Corona* no sentido acima descrito: a *littera* (letra, sentido literal) era a mesma da segunda metade do século XVI, mas o conteúdo, ou melhor, a interpretação ou o sentido das palavras firmou-se como "Coroa das Sete Dores".

### **Concessão de indulgências**

**31.** No século XVII, as indulgências tinham grande valor na prática pastoral. Apesar da ferrenha contestação dos Reformadores, a Igreja do Concílio de Trento, com o decreto

*Cum potestas conferendi*, de 4 de dezembro de 1563, confirmou a legitimidade e o valor espiritual das indulgências<sup>[77]</sup>.

Segundo a práxis eclesial do século XVII, a concessão de indulgências a uma prática religiosa equivalia a uma aprovação implícita da mesma. E se a indulgência era grande, a prática religiosa correspondente adquiria uma condição privilegiada e animava os fiéis a praticá-la, com o objetivo de “acumular” o maior número de indulgências possível.

**32.** Nesse contexto pastoral, entende-se porque o governo da Ordem se esforçava para obter indulgências sempre maiores para essa nova prática de piedade. Em 1675, frei Ludovico Ganzoni, procurador geral da Ordem, recebido em audiência pelo papa Clemente X (+ 1676) obteve dele, *vivae vocis oraculo* (com palavras de viva voz), as “indulgências comuns”<sup>[78]</sup> para a reza da Coroa de Nossa Senhora das Dores.

Quase cinqüenta anos depois, em 26 de setembro de 1724, foi obtido o primeiro documento escrito sobre ao assunto: Bento XIII (+1730), com o breve *Redemptoris nostri*, concedia muitas indulgências a esse exercício de piedade. Tal documento é importante também porque descreve a “estrutura formal” da Coroa: “*Coroa [...] composta das sete dores mais importantes, sete setenas da Saudação Angélica e sete Orações do Senhor [Pai-Nossos], junto com outras três Ave-Marias em honra das lágrimas da bem-aventurada Virgem Maria...*”<sup>[79]</sup>.

Dez anos mais tarde, em 9 de dezembro de 1724, o sucessor de Clemente XII (+1740), com o motu proprio *Unigeniti Filii Dei*, aumentava consideravelmente as indulgências concedidas para a reza da Coroa de Nossa Senhora das Dores<sup>[80]</sup>.

**33.** Ao término do Concílio Vaticano II, Paulo VI (+1978), através da Constituição apostólica *Indulgentiarum doctrina*, promulgada em 1º de janeiro de 1967, reestruturou toda a matéria das indulgências<sup>[81]</sup>. Os dois aspectos fundamentais dessa reforma foram a divisão das indulgências em duas classes apenas - plenária e parcial - e a eliminação de qualquer referência numérica nas indulgências parciais (100 dias, sete anos...).

**34.** Em 6 de novembro de 1968, o prior geral, frei José M. Loftus (1965-1971) pedia a Paulo VI que, à luz da nova normativa, fossem concedidas indulgências à reza Coroa das Sete Dores. Em 3 de dezembro do mesmo ano, a Sagrada Penitenciaria concedia as seguintes indulgências:

1º - Para os religiosos da 1ª e 2ª Ordem e para os membros da Ordem 3ª Regular e Secular:

a) *Indulgência plenária*, uma só vez e em qualquer dia do ano, que se pode obter rezando devotamente a “Coroa das Sete Dores da bem-aventurada Virgem Maria” na igreja ou no oratório ou também na comunidade religiosa, numa pia associação ou na família, acrescentando a confissão sacramental, a santa comunhão e a recitação de um Pai-Nosso, uma Ave-Maria ou qualquer outra oração nas intenções do Sumo Pontífice;

b) *Indulgência parcial*, em outras circunstâncias.

2º - Para os fiéis em geral:

a) *Indulgência plenária*, que se pode obter nas mesmas condições acima indicadas, mas só se recitarem a mencionada Coroa nas igrejas e oratórios públicos dos religiosos Servos e Servas de Maria;

b) *Indulgência parcial*, se recitarem a Coroa nas mesmas igrejas e oratórios públicos, pelo menos com o coração contrito<sup>[82]</sup>.

## II. NATUREZA E CARÁTER DA COROA

**35.** A Coroa de Nossa Senhora das Dores é um exercício de piedade. Os que a rezam, na seqüência das *Ave-Marias*, vão refletindo sobre o caminho de fé da Virgem<sup>[83]</sup> e contemplando a sua união à obra redentora de Cristo seu Filho, "homem das dores" (*Is* 53,3), mediante a qual Deus quis "reconciliar consigo mesmo todas as coisas, tanto as terrestres como as celestes, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz" (*C/* 1,20).

No plano de Deus, essa união abrange toda a vida de Cristo, desde seu humilde nascimento em Belém até à morte cruenta no Calvário, morte essa, porém, derrotada pela Ressurreição: uma humilhação transformada em glória no mistério da Ascensão.

### Oração comunitária

**36.** Como se disse, a composição da Coroa de Nossa Senhora das Dores teve como modelo o Rosário. Naquele tempo - primeira metade do século XVII - já estava em uso o Rosário como oração individual ou comunitária. Assim é que foi proposta, desde tempos remotos, a Coroa das Sete Dores. Todavia, alguns dados históricos das origens e antigos opúsculos sobre o modo de rezá-la parecem preferir a forma de oração comunitária<sup>[84]</sup>.

Assim é também em nossos dias: a Coroa de Nossa Senhora das Dores é rezada freqüentemente por uma só pessoa como um exercício de piedade individual; mas, com freqüência, é rezada também por grupos de pessoas, inclusive reunidos na igreja para este fim, os quais distribuem entre si as tarefas da celebração: por exemplo, na forma mais simples, dirigente e assembléia.

### Oração bíblica

**37.** Como o Rosário, também a Coroa de Nossa Senhora das Dores é uma "oração bíblica". Do Evangelho, entendido em seu sentido literal e interpretado à luz da tradição da Igreja, extrai os episódios de dor e de salvação que vai contemplando. E do mesmo Evangelho toma as fórmulas de oração que constituem a sua trama essencial: o *Pai-Nosso* e a *Ave-Maria*.

**38.** Todavia, seria incompleto limitar o âmbito de meditação aos episódios evangélicos contemplados, embora ricos de conteúdo. Cada um deles está prefigurado em acontecimentos do Velho Testamento e se projeta em outros do Novo Testamento. Por exemplo, o mistério da "infância perseguida" é uma constante bíblica: Moisés, o legislador e mediador da Aliança, foi perseguido em sua infância (cf. *Ex* 1,18-20; *At* 7,17-21); Israel, "filho de Deus" (*Os* 11,1), quando criança, foi alvo de perseguição dos Faraós (*Ex* 14,5-31); Jesus, o Messias Salvador, em sua infância foi perseguido por Herodes (cf. *Mt* 2,13-18); também a igreja nascente foi perseguida, como atesta o Livro dos Atos dos Apóstolos (cf. *At* 4,1-21; 5,17-33; 6,8; 8,1), e como prediz o Apocalipse em sua linguagem simbólico-profética (*Ap* 6,9-11; 12,1-17).

Portanto, ao meditar as "dores" da Coroa, é importante colher de cada uma delas tanto o que prediz o Antigo Testamento como o que se projeta hoje na vida da Igreja.

**39.** Os episódios dolorosos da vida de Cristo e de Maria são a consumação da dor que pesa sobre a humanidade desde os primórdios, por causa da misteriosa ruptura

entre Deus e o homem, ocorrida nas origens da história (cf. *Gn* 3,1-17), e das sucessivas e repetidas infidelidades à Aliança:

- Cristo é o "servo sofredor" que carregou sobre si nossos sofrimentos e assumiu nossas dores (*Is* 53,4; cf. *Mt* 8,17). Pelo mistério da encarnação e por sua condição de cabeça da humanidade, participa misteriosamente de todo sofrimento humano passado, presente e futuro (cf. *Mt* 25,35-40).

- Maria é a mulher da dor: assim é definida pela tradição eclesial que, em ofícios litúrgicos e em exercícios de piedade, coloca em seus lábios a lamentação da Filha de Sião: "Ó vós todos que passais pelo caminho, olhai e vede se existe dor igual à minha" (*Lm* 1,12a).

**40.** A tradição da Igreja vê em Maria o cumprimento de algumas figuras proféticas que anunciam a missão salvífica de uma mulher, realizada através do sofrimento e da luta. De fato:

- Maria é a nova Eva, destinada a unir-se a Cristo, o Homem novo, na luta contra a antiga serpente (cf. *Gn* 3,15);

- Maria é nova mãe de Sião, que gera na dor todos os povos (cf. *Sl* 86,4-7), reunidos pelo amor de Cristo elevado na cruz (cf. *Jo* 12,32; 11,53; 19,25-27);

- Maria é a filha de Sião, personificação de Israel, o povo predileto de Deus, freqüentemente oprimido, dividido, vencido por temores e angústias (cf. *Lm* 1,5), que deposita toda a sua confiança no Senhor<sup>[85]</sup>.

**41.** A tradição eclesial, especialmente a liturgia, aponta algumas mulheres do povo eleito marcadas pelo destino da dor e da desgraça, elas também figuras da Mãe de Jesus. Assim:

- Judite, a mulher que sofre diante da "matança dos seus irmãos e da humilhação do seu país" (*Jd* 8,22): confiando em Deus, "salvador dos desesperados" (*Jd* 9,11), ela arrisca a própria vida pela libertação de Israel (*Jd* 15,20)<sup>[86]</sup>.

- Ester, "tomada por angústia mortal, busca refúgio no Senhor" (*Est* 4,17) e ela também arrisca a vida pela libertação de Israel (*Est* 4,11)<sup>[87]</sup>.

- A mãe dos Macabeus, "admirável e digna de gloriosa memória" (*2Mc* 7,20) que, mergulhada em dores atroztes, vê "morrer seus sete filhos num só dia", e suporta "tudo serenamente, esperando no Senhor" (*2Mc* 7,20)<sup>[88]</sup>.

### **Oração de significado cristológico-eclesial-antropológico**

**42.** Embora sendo um exercício de piedade mariana, a Coroa de Nossa Senhora das Dores tem uma clara conotação cristológica e eclesial, enquanto ajuda a descobrir o significado salvífico da dor da Virgem Maria no contexto do mistério de Cristo e da Igreja; e tem, ao mesmo tempo, uma conotação antropológica, enquanto faz compreender o valor do sofrimento da Mãe de Jesus relacionado com a condição existencial da pessoa humana, com suas lutas e angústias, suas aspirações e destino.

### ***Conotação cristológica***

**43.** A conotação cristológica da Coroa de Nossa Senhora das Dores é evidente. Posto que "na Virgem Maria tudo se relaciona a Cristo e tudo dele depende"<sup>[89]</sup>, também

as suas "dores" relacionam-se com o mistério da paixão do Filho, que lhes é causa e lhes dá sentido e da qual adquirem eficácia salvífica na vida da Igreja e de todo cristão.

**44.** Os sofrimentos de Cristo foram se intensificando sempre mais ao longo da sua vida, decididamente orientados para o sofrimento supremo da morte na cruz: "Eis que estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do Homem vai ser entregue aos chefes dos sacerdotes e aos doutores da Lei. Eles o condenarão à morte, e o entregarão aos pagãos para zombarem dele, flagelá-lo e crucificá-lo" (*Mt* 20,18-19).

E da mesma forma foram se intensificando as dores da Virgem Maria: desde o anúncio profético de Simeão sobre a sorte do Filho, "sinal de contradição" (*Lc* 2,34), até à Hora da Cruz, momento culminante da união de Maria à paixão salvífica do Filho.

**45.** É importante ressaltar a dimensão pascal da Coroa de Nossa Senhora das Dores: sua referência constante à paixão de Cristo, evento feito de amargura e glorificação, de morte e ressurreição, de derrota e vitória, de trevas e luz, de ódio e amor. Acontecimento que constitui a "Hora" do triunfo aparente dos inimigos de Cristo e do "império das trevas" (*Lc* 22,53), mas que é, na realidade, a Hora de Cristo (cf. *Jo* 2,4; 13,1; 17,1). Hora em que ele voluntariamente "se humilhou, fazendo-se obediente até à morte e morte de cruz" (*Ft* 2,8). Hora vivida por ele como expressão suprema de amor aos seres humanos, "seus irmãos e amigos" (*Jo* 15,13; *Hb* 2,11-12), e de obediência filial ao desígnio salvífico do Pai (cf. *Mt* 26,39.42).

**46.** Intimamente unidas uma à outra, a paixão e a ressurreição de Cristo constituem o núcleo essencial do mistério pascal, único e inseparável acontecimento de salvação.

Embora profundamente orientada para a contemplação do mistério pascal, a Coroa de Nossa Senhora das Dores enfatiza apenas um aspecto particular da Páscoa do Senhor, isto é, a sua morte, deixando para outros exercícios de piedade a meditação sobre a sua ressurreição<sup>[90]</sup>.

**47.** Isso se explica por dois motivos:

- devido a um fenômeno de raízes remotas, ligado à "história do culto", que prefere diferenciar e celebrar separadamente os distintos episódios que formam o único mistério pascal do Senhor, além de considerar minuciosamente cada aspecto da humanidade de Cristo;

- devido ao ambiente cultural da época em que começou a Coroa de Nossa Senhora das Dores, dominado pela devoção à paixão de Cristo. De fato, podemos dizer que o século XVII é o momento culminante da devoção à paixão de Cristo e à compaixão da Virgem Maria. No Ocidente, esta última iniciou no século XII e teve como insígnias representantes Santo Anselmo de Aosta (+1109), São Bernardo de Claraval (+1153), São Boaventura de Bagnoregio (+1274) e Jacopone de Todi (+1306), e como expressiva produção literária, numerosos *Planctus Virginis*<sup>[91]</sup>.

**48.** A Coroa de Nossa Senhora das Dores não se detém no umbral do evento da ressurreição. No entanto, de maneira discreta, mas clara, ela se abre a este mistério:

- o enunciado tradicional da sétima dor - "Maria acompanha ao sepulcro o corpo de Jesus à espera da ressurreição" -, segundo uma tradição consolidada, nos apresenta a Virgem como fiel discípula, como Mãe que acredita na Palavra do seu filho Jesus: "O Filho do homem [...] terá que sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e escribas, ser condenado à morte e ressuscitar ao terceiro dia" (*Lc* 9,11; cf. 11,27-28);

- a oração conclusiva da Coroa abre-se à perspectiva da ressurreição: "Ó Deus, quisestes que junto ao vosso Filho, elevado na cruz, estivesse sua Mãe como companheira na dor: fazei que, unidos a ela na paixão de Cristo, participemos da glória da sua ressurreição. Amém";

- a ladainha de Nossa Senhora das Dores, apresentada como conclusão facultativa da Coroa, termina com a invocação da "Virgem da Páscoa".

### ***Conotação eclesial***

**49.** Na perspectiva dos evangelhos, as dores de Santa Maria não são fatos meramente privados, mas referem-se à história da salvação. Com relação a isso, vale o que disse o Capítulo Geral da Ordem (Roma, 1983), no documento sobre a promoção da piedade mariana: "Não existe nenhum episódio evangélico referente a Maria que não possa ou não deva ser lido no contexto do Mistério de Cristo e da Igreja"<sup>[92]</sup>.

**50.** Desde os tempos mais antigos, a reflexão teológica colocou em destaque a exemplaridade existente entre Maria de Nazaré e a Igreja. Hoje, o magistério conciliar e o magistério pontifício voltam a ensinar com autoridade e com os mais variados termos esta doutrina: Maria é *typus, forma, figura, exemplar* da Igreja (protótipo, forma, figura e modelo), na resposta de fé que a Igreja deve dar a seu Senhor, na sua virgindade fecunda, na sua prática de culto, no seu compromisso apostólico e no seu destino de glória. E podemos acrescentar: nas tribulações e nas dores que ela tem que suportar em sua peregrinação terrena<sup>[93]</sup>.

**51.** Na recitação atenta da Coroa não é difícil descobrir o sentido eclesial da dor da Virgem Maria e o prolongamento desta dor que acompanha a Igreja em seu caminhar. A Virgem, mãe exilada do filho perseguido pelos poderosos, mãe corajosa do filho incompreendido pelos familiares, rejeitado por seus conterrâneos, hostilizado pelas autoridades religiosas, levado ao patíbulo e crucificado entre malfeitores, torna-se imagem da Mulher forte e fiel, na qual a Igreja deve continuamente inspirar-se na hora da tribulação, isto é, quando vê desprezada a pessoa e a palavra do Senhor, quando vê seus filhos perseguidos e sua missão reprimida.

A Virgem ao pé da Cruz e a Mãe que recebe nos braços o Filho morto se tornam símbolo da "pietà" (piedade, compaixão) da Igreja que, por sua missão divina, deve pôr-se ao lado dos que sofrem e deve acolher em seu seio a dor e a aflição da humanidade sofredora.

### ***Conotação antropológica***

**52.** A Coroa de Nossa Senhora das Dores promove amplamente a contemplação amorosa da dor de Cristo e da Virgem Maria. O Senhor Jesus, homem novo e perfeito, fez-se "em tudo igual a seus irmãos" (*Hb 2,17*), foi "provado como nós em tudo, menos no pecado" (*Hb 4,15*) e assumiu plenamente o mistério da dor e da morte. Ora, o mesmo aconteceu com sua Mãe, a mulher nova, primícias da humanidade sem pecado.

**53.** Na verdade, a vida do homem nesta terra é feita de dores e lágrimas. Muitas mulheres e homens de todos os tempos exclamam com o salmista: "Minha vida se consome em tristeza e meus anos em gemido" (*S/ 30,11*). A própria Sagrada Escritura é "um grande livro sobre o sofrimento"<sup>[94]</sup>.

Entretanto, sabemos pela fé que, tendo tomado sobre si o mal e a dor, isto é, o sofrimento físico e moral, Cristo os redimiu e venceu. “Com a paixão de Cristo - diz João Paulo II - todo sofrimento humano foi posto numa situação nova [...]. Sob a luz de Cristo, não só a redenção se realizou através do sofrimento, mas o próprio sofrimento humano foi redimido”<sup>[95]</sup>.

**54.** Por bondade de Deus, que dispõe que tudo concorra para o bem de quem o ama (cf. *Rm* 8,28), a pena da dor se transforma em instrumento de salvação. Conscientes disso, nós, Servos de Maria, ao iniciar o Ofício da solenidade de Nossa Senhora das Dores do dia 15 de setembro, proclamamos:

“Ó admirável benevolência do vosso amor! Por meio do vosso Filho Unigênito e de sua Mãe, transformastes a dor em instrumento de salvação!”<sup>[96]</sup>

À luz da fé, o cristão descobre que, unindo o seu sofrimento à paixão de Cristo, lhe confere uma força redentora; sabe que, como ao Apóstolo Paulo, completa em sua carne “o que falta nas tribulações de Cristo, a favor do seu corpo que é a Igreja” (*C/* 1,24); reconhece que, participando do mistério a cruz, alcançará a glória da Ressurreição (cf. *Rm* 8,17; *1Pd* 4,13).

**55.** Rezar a Coroa significa aproximar-se do mistério da dor do ser humano com o coração de Maria. Além disso, a contemplação assídua das dores de Maria leva os que rezam, Servos e Servas de Maria, a assumir efetivamente a “figura de Maria ao pé da cruz” como “imagem-guia”<sup>[97]</sup> do seu serviço, como ensinam as Constituições dos frades da Ordem; e torna seu coração cada vez mais compassivo, vale dizer, capaz de compreender e compartilhar a dor da humanidade e de colocar-se aos pés de suas “infinitas cruces, para levar conforto e cooperação redentora”<sup>[98]</sup>.

### **Oração de estrutura numérica**

**56.** Como outros exercícios de piedade semelhantes, a Coroa tem uma estrutura numérica: o desenvolvimento e os ritmos da oração não são deixados à improvisação de quem reza, mas são determinados pela configuração mesma do exercício de piedade. Isso se deve a exigências de ordem prática (necessidade de marcar o começo e o fim da oração), e também a motivos de origem histórica e simbólica.

Na Coroa de Nossa Senhora das Dores o número que caracteriza sua estrutura é o “sete”: sete são as dores contempladas e sete são as *Ave-Marias* que se rezam para cada dor.

### **Motivo histórico**

**57.** Muito provavelmente, o número das “sete” dores foi fixado em correspondência às “sete” alegrias que anteriormente, desde o século XII, a piedade dos fiéis tinha descoberto na vida da Virgem Maria<sup>[99]</sup>.

É perfeitamente normal que, para estabelecer um equilíbrio entre *alegrias* e *dores*, e por uma espécie de paralelismo antitético, o número das alegrias e o número das dores estejam, por assim dizer, emparelhados. Quando o número de *alegrias* foi fixado em cinco, em cinco também foram fixadas as *dores* de Santa Maria. Quando as *alegrias* passaram a ser sete, sete passaram a ser também as *dores* de Maria<sup>[100]</sup>.

### ***Motivo simbólico***

**58.** Para além das contingências históricas, a escolha do número “sete” tem também uma motivação simbólica. Na simbologia bíblica, muito reconhecida na cultura medieval, o número “sete” significa abundância, plenitude e totalidade. Ao fixar em “sete” as dores de Maria, os autores medievais pretendiam não tanto limitar a este número os episódios de sofrimento da Mãe de Cristo, mas antes indicar que a Virgem era dolorosa em grau supremo, “*doloribus plena*”, como mostra a literatura devocional.

Contudo, quando a consciência do valor simbólico do número “sete” começou a diminuir, tal número foi visto como uma limitação e sentiu-se a necessidade de esclarecer que se tratava somente das sete “dores principais”<sup>[101]</sup>.

### **III. FORMA E ESTRUTURA DA COROA**

**59.** A Coroa de Nossa Senhora das Dores é aqui apresentada em dois formulários: o primeiro é o tradicional; o segundo é um texto novo.

#### **Formulário tradicional**

**60.** O primeiro formulário apresenta a Coroa de Nossa Senhora das Dores em sua forma tradicional. Por seu conteúdo e por sua estrutura harmoniosa, esta forma tem um inegável valor intrínseco e um indiscutível valor histórico, que lhe advêm de sucessivas gerações de leigos e de frades Servos de Maria que, com devoção e proveito, a adotaram na reza da Coroa. Alguns retoques feitos nesta nova edição do formulário tradicional da Coroa são de caráter prevalentemente lingüístico e não afetam a substância do exercício de piedade, mas apenas elementos secundários.

#### ***O enunciado das dores***

**61.** Este é o enunciado das “sete dores” da Coroa na sua forma tradicional:

- Primeira dor: Maria acolhe com fé a profecia de Simeão (*Lc 2,34-35*).
- Segunda dor: Maria foge para o Egito com Jesus e José (*Mt 2,13-14*).
- Terceira dor: Maria procura Jesus perdido em Jerusalém (*Lc 2,43-45*).
- Quarta dor: Maria encontra-se com Jesus no caminho do Calvário (*Lc 23, 26-27*).
- Quinta dor: Maria permanece de pé junto à cruz do seu Filho (*Jo 19,25-27*).
- Sexta dor: Maria recebe nos braços o corpo de Jesus descido da cruz (*Mt 27,57-59*).
- Sétima dor: Maria deposita no sepulcro o corpo de Jesus, à espera da ressurreição (*Jo 19,40-42*).

**62.** Sabemos que o número, o conteúdo e a seqüência das “dores” contempladas são comprovados por documentos do final do século XIV<sup>[102]</sup>. Essa lista impôs-se a outras séries e seqüências de “dores”, difundiu-se em muitas regiões, inspirou muitas representações iconográficas e está firmemente arraigada na piedade popular.

**63.** Do ponto de vista formal, no primeiro formulário, o enunciado das “dores” é homogêneo: começa com o sujeito, sempre igual (Maria), ao qual segue o verbo (acolhe,

foge, procura, encontra, permanece, recebe, deposita). A homogeneidade do enunciado visa a facilitar a memorização.

### **Novo formulário**

**64.** O segundo formulário, também articulado em sete dores, é novo. Não se contrapõe ao primeiro, mas se apresenta como alternativa. Foi simplesmente composto para celebrar, a partir de um determinado ponto de vista, o mistério inesgotável da dor da Virgem Maria.

**65.** O tema-guia do novo formulário baseia-se na categoria bíblica da "rejeição", de profundo valor teológico e presente na vida de Jesus. Ele é Verbo de Deus feito homem (cf. *Jo* 1,1.14), luz "que veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz" (*Jo* 3,19), salvador que veio morar "junto ao seu povo, mas os seus *não o receberam*" (*Jo* 1,11).

O "mistério da rejeição" do qual foi objeto o Filho, desde seu nascimento numa estrebaria, "porque não havia lugar para eles na hospedaria" (*Lc* 2,7), até a sua morte fora da cidade de Jerusalém, marcou dolorosamente também a vida da Mãe. É essa dor da Mãe - angustiante reflexo da rejeição sofrida pelo filho - que celebramos nesse novo formulário.

A "rejeição do ser humano" continua sendo uma trágica realidade na sociedade de hoje. O cristão de nossos dias, que a vive ou a constata com freqüência na recusa em acolher uma parturiente, na opressão do poder político sobre os fracos, na indiferença diante dos marginalizados e excluídos, na morte violenta de homens justos e na perseguição das minorias..., sente-se particularmente envolvido na reza do novo formulário, articulado exatamente em torno do "tema da rejeição".

**66.** O âmbito do tempo salvífico considerado no novo formulário é mais amplo. Além da infância e da paixão do Salvador, tomam-se em consideração também o tempo do ministério público de Jesus ("quarta dor") e o início do tempo pós-pascal ("sétima dor").

### ***Enunciado das Dores***

**67.** Este é o enunciado das "sete dores" do novo formulário:

- Primeira Dor: Jesus, Filho de Deus, nasce numa estrebaria, porque não havia lugar para a Mãe na hospedaria (*Lc* 2,1-7).
- Segunda dor: Jesus, Salvador dos seres humanos, sinal de contradição (*Lc* 2, 22-35)
- Terceira dor: Jesus, o Messias recém-nascido, é perseguido por Herodes (*Mt* 2,13-18)
- Quarta dor: Jesus, irmão dos seres humanos, é rejeitado por seus conterrâneos (*Lc* 4,28-29)
- Quinta dor: Jesus, o Santo de Deus, é preso pelos sumos sacerdotes e abandonado por seus discípulos (*Mt* 26,47-56).
- Sexta dor: Jesus, o Justo, morre na cruz (*Jo* 19,25-27).
- Sétima dor: Jesus, Mestre e Senhor, é perseguido em seus discípulos (*At* 12,1-5).

**68.** No segundo formulário, como no primeiro, o enunciado das dores é substancialmente homogêneo do ponto de vista formal. Cada "dor" começa com o nome de *Jesus* e vem em seguida o título cristológico (Filho de Deus, Salvador dos

seres humanos, Messias recém-nascido, irmão dos seres humanos, Santo de Deus, Justo, Mestre e Senhor), que ressalta, por contraste, o aspecto do "mistério da rejeição" contemplado na "dor".

## **Duas formas de celebração**

**69.** Em ambos os formulários (tradicional e novo), a Coroa de Nossa Senhora das Dores pode ser recitada de maneira diferente, segundo as circunstâncias em que se reza e as condições dos que rezam. Uma coisa é, por exemplo, a recitação individual (no recolhimento da capela, na própria casa, viajando ou caminhando...), e outra coisa é a recitação comunitária (em pequenos grupos, numa paróquia, numa reunião de irmãs, numa comunidade de frades...). A diversidade de assembléias ou de situações requer modos diferentes de celebração.

### ***Primeira forma***

**70.** Com a exortação "Contemplamos o mistério da vossa dor, ó Virgem Maria", do *primeiro formulário*, a reza da Coroa (cf. formulário tradicional, p. ???, ou novo, p. ???), segue um roteiro habitual, breve, de estrutura simples, apto para proporcionar momentos de contemplação.

### ***Segunda forma***

**71.** Com a exortação "Meditemos o mistério da vossa dor, ó Virgem Maria", do *segundo formulário*, a reza da Coroa (cf. formulário tradicional, p. ???, ou novo, p. ???) segue um roteiro orientado para a meditação de cada uma das "dores" e para dar, eventualmente, um caráter de "celebração" a esse exercício de piedade.

## **Elementos estruturais da Coroa**

**72.** A Coroa de Nossa Senhora das Dores consta essencialmente de três partes: introdução, seqüência das dores, conclusão. Cada parte compõe-se, por sua vez, de vários elementos. Para uma valorização e compreensão adequada desses elementos, parece-nos oportuno indicar aqui sua natureza e função.

### ***Introdução***

**73. O sinal da cruz.** Como outras celebrações litúrgicas e exercícios de piedade, a Coroa começa "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", enquanto os fiéis fazem o sinal da cruz.

O significado desse gesto é evidente: os que rezam formam uma assembléia santa de pessoas que professam sua fé no Deus Uno e Trino da Revelação (Pai, Filho e Espírito Santo) e proclamam o acontecimento salvífico da Redenção (o sinal da cruz).

**74. Versículos iniciais.** Depois do sinal da cruz, a introdução prossegue com versículos dialogados, como segue:

*V. Nós vos louvamos e vos bendizemos, Senhor.*

*R. Porque associastes a Virgem Maria à obra da salvação.*

V. *Contemplamos a vossa dor, ó Virgem Maria.*

R. *Para seguir-vos no caminho da fé.*

O primeiro versículo é um convite para louvar a Deus e, ao mesmo tempo, apresenta o motivo desse louvor: porque ele associou a Virgem Maria à obra da salvação. O segundo versículo enfatiza o motivo da oração (contemplamos a vossa dor) e o compromisso que dele deriva para a vida (seguir-vos no caminho da fé).

### **Memória das Dores de Maria**

**75.** O núcleo central ou o prolongamento da memória da associação da Mãe à paixão do Filho consiste na recitação pausada das sete *Ave-Marias* depois de anunciar em seqüência cada uma das sete "dores".

O modo de rezar é o mesmo para cada uma das "sete dores":

- a) proclama-se a "dor"
- b) reza-se a oração do Senhor, o *Pai-Nosso*
- c) rezam-se sete *Ave-Marias*.

**76. A proclamação da "dor":** No primeiro formulário da Coroa, proclama-se o título que aparece no começo de cada "dor". Por exemplo: "Maria encontra-se com Jesus no caminho do Calvário", "Jesus, o Justo, morre na cruz".

No segundo formulário, a proclamação da "dor" é marcada pela leitura de um texto bíblico. Portanto, depois do anúncio da dor, que pode até ser omitido, segue-se a leitura do episódio bíblico que a ele se refere, limitado ao seu núcleo essencial. Embora se trate de um texto breve, a leitura deve ser uma verdadeira proclamação da Palavra e ser feita de preferência do ambão, seguida de breve um momento de silêncio.

O trecho do Novo Testamento deve ser precedido de um breve texto do Antigo Testamento, o qual, embora não sendo proclamado, é apresentado à meditação do orante para que capte, também em relação às dores de Maria, a profunda harmonia existente entre o Antigo e o Novo Testamento. Nada impede, porém, que também o texto do Antigo Testamento seja proclamado em voz alta. Neste caso, seria bom que fosse lido por outro leitor.

**77. A oração do Senhor:** Assim como acontece com outros exercícios de piedade, em particular com o Rosário, também na Coroa de Nossa Senhora das Dores a oração do Senhor precede à recitação das sete de *Ave-Marias*.

Esse costume deve-se provavelmente à convicção que o *Pai-Nosso* é uma oração fundamental e normativa de qualquer outra forma de oração e que, assim fazendo, até os cristãos mais simples podem expressar uma súplica ou louvor de conteúdo elevado.

**78. A saudação angélica:** As sete *Ave-Marias* rezadas após cada "dor" são parte essencial da Coroa de Nossa Senhora das Dores. O prolongamento da memória do mistério da Encarnação, que está na raiz de todo o mistério de Cristo e da Virgem Maria, constitui a base sobre a qual se assenta a contemplação dos momentos dolorosos e salvíficos protagonizados por Jesus, e que - como já se disse - tiveram profunda ressonância no coração da Mãe.

**79.** No *primeiro formulário*, os fiéis recitam as sete *Ave-Marias* na forma mais corrente: o dirigente reza a parte bíblica, essencialmente de louvor (a "saudação" do anjo

e a "bênção" de Isabel) e todos respondem rezando a parte eclesial, a *Santa Maria*, que constitui o elemento de súplica e de pedido.

**80.** No *segundo formulário* a recitação das sete *Ave-Marias* tem algumas variantes. A reza da Ave Maria limita-se à parte bíblica: o dirigente pronuncia a "saudação" do Anjo e os demais respondem com a "bênção" de Isabel, à qual se acrescenta uma frase. Depois da palavra "Jesus" pronuncia-se uma frase que evoca ritmicamente a "dor" contemplada. Por exemplo:

D. Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *que se dispôs a cumprir a vontade do Pai*. Ou então: *a quem, aflita, procurastes*. (Terceira "dor" do formulário tradicional)

A recitação da parte eclesial, da *Santa Maria*, faz-se depois da última das sete *Ave-Marias*, acrescida de um elemento que estabelece certa relação entre a "dor" contemplada e a nossa condição de pecadores. Por exemplo: *que relutamos a carregar a cruz*. Amém. (Quarta "dor" do formulário tradicional).

**81.** No final das últimas sete *Ave-Marias*, podem-se acrescentar outras três para pedir ao Senhor, pela intercessão da Virgem, a reconciliação e a paz, fruto da morte e da ressurreição de Cristo, e para confiar a Nossa Senhora as intenções da comunidade orante.

### **Conclusão**

**82.** A conclusão da Coroa tem cinco elementos (versículo, aclamação, súplica litânica, oração e despedida). Terminada a última série de *Ave-Marias*, esses elementos conferem ao exercício de piedade um tom diferente, ou seja, a alegre esperança que acompanha os discípulos de Cristo, sustentados em seu caminho pela intercessão da Virgem Maria glorificada nos céus.

**83. Versículo:** O versículo, que deveria ser cantado, exerce a função de passagem ou de ligação entre o núcleo central da Coroa e sua conclusão:

V. *Nós vos louvamos, ó Virgem Maria.*

R. *Mãe fiel junto à cruz do Filho.*

O versículo é um louvor à Virgem Maria por sua fidelidade à missão recebida de Deus: "... a bem-aventurada Virgem percorreu o caminho da fé e conservou fielmente sua união com o Filho até à Cruz, onde, não sem um desígnio divino, manteve-se de pé (Jo 19,25), sofrendo profundamente com o seu Unigênito e associando-se com ânimo maternal ao seu sacrifício e dando seu consentimento amoroso à imolação da vítima por ela gerada"<sup>[103]</sup>.

**84. Aclamação:** As dores sofridas por Maria ficaram definitivamente transfiguradas pela alegria da sua Páscoa, isto é, da sua assunção ao céu. Para ela, foram motivo de glória e para nós são fonte de graça, de consolo e de esperança. Por isso, ao terminar a contemplação das dores de Santa Maria, a assembléia exulta com esta aclamação, de preferência cantada:

Bendita sois, Rainha dos mártires:  
associada à Paixão de Cristo,  
vós vos tornastes nossa mãe,

sinal de esperança em nosso caminho.

Essa aclamação é uma “bênção” dirigida a Maria pela assembléia. Nela são mencionados três aspectos: a associação de Maria à Paixão de Cristo, sua maternidade espiritual e sua função de exemplo e consolo para os cristãos nas incertezas de sua peregrinação terrestre.

**85. O *Stabat Mater*.** Depois da aclamação, embora seja facultativo, segue o canto ou a reza do *Stabat Mater*. Este célebre *Planctus* (Pranto), “repleto de palavras de desolação, mas sóbrio na austeridade espiritual ininterruptamente consolidada nos hinários cristãos pela tradição”<sup>[104]</sup>, é atribuído, embora sem provas, a Jacopone de Todi (†1306). Constante em muitos livros litúrgicos do século XIV, o *Stabat* foi incluído no Missal Romano em 1727 por Bento XIII (†1730). Hoje ainda consta na liturgia romana, quer no Lecionário, como seqüência facultativa da missa do dia 15 de setembro, quer no repertório dos hinos do Ofício Divino do mesmo dia, dividido em três partes.

Em todos os tempos, o *Stabat Mater* tem sido amado, vivencialmente compreendido e conscientemente proclamado pelo povo cristão por seu valor literário, sua linguagem simples e engenhosa estrutura, por sua inspiração lírica, sincero sentimento religioso e “espírito musical”<sup>[105]</sup>, por representar de maneira plástica e sóbria a Paixão de Cristo e a ternura da compaixão da Virgem, pela carinhosa empatia do poeta orante e seu envolvimento no mistério do sofrimento de Cristo e da Virgem<sup>[106]</sup>, pelo impulso místico de algumas estrofes, pelo temor e trepidação do poeta diante do seu próprio destino e por seu confiante e angustiado recurso a Virgem Maria.

O *Stabat Mater* é um elemento tradicional da Coroa de Nossa Senhora das Dores e consta nos formulários mais antigos que chegaram até nós. Primeiro, rezava-se uma parte do hino, ou seja: um terço quando a Coroa era celebrada em três dias ou uma sétima parte do hino quando a Coroa era celebrada em sete dias<sup>[107]</sup>; depois, recitava-se integralmente.

Apesar do valor do *Stabat Mater* e do seu caráter tradicional, uma rubrica, acrescentada certamente num clima cultural diferente, adverte: O *Stabat* pode ser substituído por outro canto de conteúdo e seriedade literária semelhante ou pela *Ladainha de Nossa Senhora das Dores*.

**86. Ladainha de Nossa Senhora das Dores:** Depois que Leão XIII (†1903) houve por bem acrescentar ao Rosário, que era rezado publicamente durante o mês de outubro, a ladainha lauretana<sup>[108]</sup>, a justaposição “Rosário-Ladainha” tornou-se prática habitual para o povo cristão. É nesse esquema que se enquadra o costume de rezar a Coroa de Nossa Senhora das Dores junto com a respectiva Ladainha.

A ladainha de Nossa Senhora das Dores não é uma novidade no quadro dos exercícios de piedade compostos para honrar a compaixão de Maria. Existiram pelo menos dois formulários que se encontram com certa freqüência em opúsculos do século XIX sobre a devoção a Nossa Senhora das Dores<sup>[109]</sup>.

- O formulário aqui apresentado consta de trinta e três invocações agrupadas em “tercetos litânicos”.

- As invocações consideram sucessivamente o mistério de dor de Maria em sua maternidade divina (Mãe do Crucificado...: invocações 1 a 3) e em sua conseqüente maternidade espiritual (Mãe dos redimidos...: invocações 4 a 6); em sua condição de virgem (Virgem dos Silêncios...: invocações 7 a 12), de mulher (Mulher forte...: invocações 13 a 18), de fiel companheira do Salvador (Nova Eva...: invocações 19 a 21); em sua misericordiosa intercessão pelos homens, seus filhos, mergulhados no sofrimento

(Consoladora dos aflitos...: invocações 22 a 30); em sua atual condição gloriosa, fruto de sua sofrida compaixão (Virgem da Páscoa...: invocações 31 a 33).

**87. A oração:** Depois da aclamação ou então no final do *Stabat Mater* ou da Ladainha de Nossa Senhora das Dores, o dirigente reza uma oração, cujo texto pode ser a mesma oração coleta da missa do dia 15 de setembro, com alguns retoques, ou um texto novo em que se pede a Deus a graça de percorrer ao lado da Virgem Maria o caminho da fé e de unir nossos sofrimentos à paixão de Cristo.

**88. Despedida:**

*V. Proteja-nos Santa Maria e benigna nos acompanhe pelos caminhos da vida.*

*R. Amém!*

- Com essas palavras de despedida, termina a Coroa com a mesma imagem com que se havia iniciado, isto é, com a imagem do "caminho": para acompanhar Maria no "caminho da fé" (introdução), implora-se sua proteção e guia no "caminho da vida" (despedida).

#### **IV. VALOR E USO PASTORAL**

**89.** A Coroa de Nossa Senhora das Dores é um exercício de piedade: não supera os limites da liturgia, embora difíceis de definir.

Se a celebração for correta, o valor espiritual e a eficácia pastoral da Coroa fundamentam-se no seu poder de aproximar os fiéis, mediante a contemplação da "compaixão" de Maria, a um dos aspectos essenciais do Mistério Pascal, isto é, da paixão salvadora de Cristo; de iluminar o mistério da dor, da qual nenhum ser humano pode escapar, com a luz que brota do modo singular como Maria de Nazaré, cheia de fé, viveu tal experiência; de levar os que rezam a compartilhar os sofrimentos dos irmãos, porque a celebração da dor de Maria não se esgota na meditação, na ação de graças e no louvor, mas implica uma atenção viva ao irmão que sofre; de suscitar sentimentos de misericórdia, porque, depois de contemplar a bondade misericordiosa de Cristo, nada melhor para dispor o ânimo à misericórdia do que contemplar a amorosa compaixão de Maria: junto à cruz, ela é a "Virgem do Perdão".

**90.** As orientações que vêm a seguir referem-se exclusivamente à recitação pública da Coroa de Nossa Senhora das Dores no âmbito da Família Servita. A recitação estritamente privada ou em outros grupos eclesiais tem ou poderia ter exigências não previstas nestas notas.

#### **A Coroa e os Servos de Maria hoje**

**91.** As atuais Constituições da Ordem dos frades Servos de Maria e, em geral, as Constituições pós-conciliares das Congregações femininas agregadas à Ordem não mencionam explicitamente a Coroa de Nossa Senhora das Dores.

Uma referência implícita, porém, encontra-se no artigo 7º das Constituições dos Servos de Maria, que exorta as comunidades a exprimir "sua piedade mariana, inspirando-se em formas próprias da nossa tradição"<sup>[110]</sup>: de fato, a Coroa de Nossa Senhora das Dores faz parte da "tradição viva" da Ordem.

**92.** Com relação à Coroa, os irmãos e as irmãs da Ordem mantêm uma atitude de liberdade serena, mas sentem-se atraídos a rezá-la e são exortados a divulgá-la entre os fiéis pelos seguintes motivos:

- por sua beleza intrínseca e valor espiritual;
- por sua fundamentação na Palavra revelada e eficácia pastoral;
- por fazer parte do “patrimônio mariano” da Ordem e exprimir valores que contribuem para definir a identidade dos Servos e das Servas de Maria.

### **Exercício de piedade típico dos “leigos OSM”**

**93.** A história nos mostra que, na sua origem, a Coroa de Nossa Senhora das Dores visava principalmente alimentar a devoção a Nossa Senhora das Dores dos leigos inscritos em associações como a Companhia do Hábito, a Confraria de Nossa Senhora das Dores, a Ordem Terceira..., que participavam de alguma forma da vida e da espiritualidade da Ordem.

Hoje também, esse exercício de piedade é muito amado e praticado pelos “leigos da OSSM”. Os próprios textos litúrgicos confirmam o significado particular que a Coroa tem para os membros da Ordem Secular. Por exemplo, no *Rito de Admissão à Ordem Secular Servita*, promulgado em 8 de setembro de 1983 pelo prior geral frei Michel M. Sincerny, consta a entrega ao candidato da Regra de Vida e da Coroa: “*Recebe, irmão(ã) caríssimo(a), a Regra de Vida e a Coroa de Nossa Senhora das Dores. Sê no mundo testemunha do Evangelho de Jesus Cristo e, como Maria, coloca-te junto à cruz de cada irmão*”<sup>[111]</sup>.

### **Tempo litúrgico e Coroa de Nossa Senhora das Dores**

**94.** A Coroa de Nossa Senhora das Dores começou e se desenvolveu entre os séculos XVII e XIX, época marcada pela falta de “sentido litúrgico” em não poucas expressões de culto da igreja latina. Isso repercutiu também na Coroa de Nossa Senhora das Dores, dando espaço a alguns desencontros que, no atual momento histórico, mais sensível às exigências litúrgicas, devem ser corrigidos.

No que concerne aos tempos e dias mais adequados para a reza da Coroa deve-se aplicar o princípio geral definido pelo Concílio Vaticano II, ou seja: na celebração de exercícios de piedade deve-se ter em conta o tempo litúrgico<sup>[112]</sup>.

### ***O domingo e a Coroa***

**95.** Em outros tempos, nas igrejas dos Servos de Maria, a Coroa de Nossa Senhora das Dores era rezada publicamente todos os dias da semana, inclusive aos domingos. Nestas últimas décadas, a revalorização do domingo como “dia do Senhor”, “festa primordial”<sup>[113]</sup> e “memória semanal da ressurreição de Cristo”, levou-nos a considerar menos oportuna a reza pública da Coroa no dia da “páscoa semanal”.

Entretanto, há duas exceções justificadas:

- o domingo para o qual, de acordo com as rubricas, se transfere a solenidade do dia 15 de setembro, quando a liturgia eucarística, ao lado do mistério da morte e ressurreição de Cristo, celebra também o mistério da dor de Maria, já transfigurada na glória;

- o terceiro domingo do mês, nos lugares onde os membros da Ordem Secular rezam a Coroa de Nossa Senhora das Dores: é um costume tão arraigado que não se pode abolir ou substituir sem dano pastoral.

### ***Tempo pascal e a Coroa***

**96.** Da mesma forma, a recitação pública da Coroa de Nossa Senhora das Dores não é oportuna no Tempo Pascal, centrado na celebração de mistérios de grande alcance salvífico: Ressurreição, Ascensão e Pentecostes. O conteúdo central da Coroa não combina com a celebração desses mistérios da salvação.

### ***Tempo do Advento e do Natal***

**97.** Pelos mistérios que celebram, também o Advento e a Páscoa são tempos pouco indicados para a recitação pública da Coroa, centrada essencialmente na Paixão do Senhor. Note-se, porém, que a *paixão do Senhor* e a *compaixão da Virgem* já estão presentes em vários mistérios da infância de Cristo: vejam-se a primeira, a segunda e a terceira dor de ambos os formulários, do tradicional<sup>[114]</sup> e do novo<sup>[115]</sup>.

Parece, pois, oportuno formular este princípio: no tempo do Advento e do Natal a recitação da Coroa é "legítima" quando o evangelho que marca a liturgia do dia narra um episódio do "mistério de dor" de Cristo e de Maria<sup>[116]</sup>. De fato, nestes casos, pela estreita vinculação existente entre os episódios da encarnação-nascimento e os episódios da paixão-ressurreição, a recitação da Coroa não distrai do mistério litúrgico celebrado, mas antes acentua e amplia sua contemplação.

### ***Dias mais indicados para sua recitação***

**98.** A título ilustrativo, enumeram-se aqui os dias que, por sua índole e por motivos tradicionais, parecem mais adequados para a recitação pública da Coroa nas igrejas dos Servos e das Servas de Maria:

- as festas que celebram um aspecto do mistério de Cristo contemplado também na Coroa (por exemplo: dia 2 de fevereiro, *Apresentação do Senhor*, cujo evangelho proclama a profecia de Simeão [Lc 2,34-35], episódio este que inicia a Coroa das Sete Dores; e o dia 14 de setembro, *Exaltação da Santa Cruz*);

- as festas que celebram a dor da Virgem Maria (sexta-feira da quinta semana da Quaresma, *Maria ao pé da Cruz*; 15 de setembro, *Nossa Senhora das Dores*); e outras festas e memórias de Santa Maria nas quais o texto evangélico apresenta um episódio da dor da Virgem Maria contemplado na Coroa (por exemplo: o sábado depois da solenidade do Sagrado Coração de Jesus, *Coração Imaculado de Maria*, cujo evangelho nos recorda a passagem de Jesus perdido do Templo [Lc 2,41-51]);

- os dias da semana do tempo de Quaresma, especialmente a sexta-feira;

- o mês de setembro, segundo uma sólida tradição, exceto os dias em que houver uma celebração que aconselhe diversamente (por exemplo: dia 8 de setembro, *Natividade de Nossa Senhora*);

- as sextas-feiras do Tempo Comum, se não houver uma festa ou memória que aconselhe uma celebração diferente;

- os dias de semana do Tempo Comum.

### **O Rosário e a Coroa**

**99.** Sabe-se que existiu na Ordem, durante algum tempo, certa tensão entre o Rosário, particularmente recomendado pelos papas, e a Coroa de Nossa Senhora das Dores, amada como patrimônio peculiar da Ordem, e que tal tensão foi resolvida no pontificado de Leão XIII (+1903), por assim dizer, em favor da Coroa de Nossa Senhora das Dores<sup>[117]</sup>.

Hoje, a relação entre o Rosário e a Coroa é vivida pelos Servos e Servas de Maria não em termos de oposição, mas antes de complementaridade. Podemos, portanto, formular o seguinte princípio: quando se quer rezar uma Coroa da Virgem Maria, sempre respeitando os dados da tradição e a composição da assembléia, pode-se escolher aquela cujo conteúdo melhor corresponda ao tempo litúrgico ou à liturgia do dia.

**100.** Todavia, continua válida a concessão feita à Ordem por Leão XIII, em função da qual os Servos e Servas de Maria podem substituir a recitação do Rosário, eventualmente prescrita, pela recitação da Coroa de Nossa Senhora das Dores.

<sup>[1]</sup> *Legenda beati Philippi*, 8, in *Monumenta OSM*, II, p. 71; cf. *História do bem-aventurado Filipe*, nº 8, trad. frei José M. Milanez, em *Servos da Virgem Gloriosa. Legendas medievais*, Rio de Janeiro 1995, p. 19-20.

<sup>[2]</sup> *Legenda de origine Ordinis*, 52, in *Monumenta OSM*, I, p. 98; cf. *Legenda sobre as origens dos Servos de Maria*, nº 52, trad. Frei José M. Milanez, Rio de Janeiro 1994, p.102

<sup>[3]</sup> *Constituições OSM*, art. 319

<sup>[4]</sup> *História do bem-aventurado Filipe*, nº 8, em *op. cit.*, p. 19-20.

<sup>[5]</sup> *Legenda sobre a origem dos Servos de Maria*, nº 52, p. 104.

<sup>[6]</sup> Cf. HUBERT MOONS, Carta do prior geral *Com Maria ao pé da Cruz*, Cúria Geral OSM, Roma 1992, nº 6.

<sup>[7]</sup> Cf. *Ibidem*, nº 6.

<sup>[8]</sup> Trata-se das *Constitutiones antiquae* que, segundo os estudiosos, teriam sido aprovadas no capítulo geral de Florença de 1289: cf. *Fontes Histórico-Espirituais dos Servos de Maria*, vol. I (1233-1349) trad. frei José M. Milanez, São José dos Campos 2002, p. 109-154.

<sup>[9]</sup> Cf. *Constituições antigas*, cap I: Dos atos de devoção à bem-aventurada Virgem Maria, em *op. cit.*, p. 115-117.

<sup>[10]</sup> *Constituições OSM*, art. 6.

<sup>[11]</sup> Cf. VINCENZO BENASSI - ODIR J. DIAS - FAUSTINO M. FAUSTINI, *Breve História da Ordem dos Servos de Maria*, trad. frei José M. Milanez, Roma 1990, p. 38.

<sup>[12]</sup> Cf. *Fontes Histórico-Espirituais dos Servos de Maria*, vol. II (1349-1495), trad. frei José M. Milanez, São José dos Campos 2004, p. 170 (nº 291), p. 206 (nº 362), p. 228 (nº 414).

<sup>[13]</sup> HUBERT M. MOONS, *Com Maria ao pé da Cruz*, nº 2 e 4.

<sup>[14]</sup> "... uti devotionem proprie et principaliter ad dictum Ordinem spectantem" (cf. *Annales OSM*, III, p. 275, 286).

<sup>[15]</sup> Cf. *Annales OSM*, III, p. 345, 352.

<sup>[16]</sup> Cf. *Annales OSM*, III, p. 359. Cf. também HUBERT M. MOONS, *Com Maria ao pé da Cruz*, nº 2.

<sup>[17]</sup> *Registro del priore generale fra Giovanni Angelo M. Pagliai (1895-1901)*, Arquivo Geral OSM, Reg. PP. Gen. Rom. 46, p. 9, decreto nº 18: "...spiritus Ordinis nostri qui est cultus Virginis Perdolentis".

<sup>[18]</sup> Cf. VINCENZO BENASSI-ODIR J. DIAS-FAUSTINO M. FAUSTINI, *op. cit.*, p. 140.

<sup>[19]</sup> GIUSEPPE M. BESUTTI, *Gli sviluppi della pietà verso la Vergine dei dolori nel '700 servitano*, in *I servi di Maria nel Settecento (da fra G. F. Poggi alle soppressioni napoleoniche)*, Quaderni di Monte Senario, nº 7, Edizioni Monte Senario 1986, p. 148-150.

<sup>[20]</sup> HUBERT M. MOONS, *Com Maria ao pé da Cruz*, nº 7.

- [21] *Constituições OSM*, art. 1º.
- [22] *Constituições OSM*, art. 73.
- [23] *Constituições OSM*, art. 7.
- [24] *Constituições OSM*, art. 27/a.
- [25] *Constituições OSM*, art. 31/d.
- [26] *Constituições OSM*, art. 319.
- [27] *Constituições OSM*, art. 52.
- [28] CAPÍTULO GERAL DA ORDEM DOS SERVOS DE MARIA, *Fazei tudo o que Ele vos disser*, trad. Aleixo M. Autran, Edições Paulinas, São Paulo 1985, nº 92, p. 99.
- [29] Essas informações foram tiradas de SILVANO MAGGIANI, *B. V. Maria das Dores*, em *Dicionário de Mariologia* (dirigido por Stefano de Fiores e Salvatore Meo), Paulus, São Paulo 1995, p. 428-429. Cf. também HUBERT MOONS, Carta do prior geral: *Com Maria ao pé da Cruz*, Roma 1992, nº 2-5.
- [30] BRITO MACHADO, *Ouro Preto*, Livraria Mineira, 1933, citado por NILZA BOTELHO MEGALE, *Invocações da Virgem Maria no Brasil. História, Folclore e Iconografia*, 6ª edição, Vozes, Petrópolis 2001, p. 192.
- [31] Cf. NILZA BOTELHO MEGALE, *op. cit.*, p. 385-386.
- [32] Frase extraída de uma página da Internet.
- [33] Cf. EDÉSIA ADUCCI, *Maria e seus gloriosos títulos*, 2º volume, Editora Lar Católico, Juiz de Fora 1967, p.305.
- [34] Dados extraídos do *Diretório Litúrgico da Igreja no Brasil de 2004*, 15 de setembro, memória de Nossa Senhora das Dores.
- [35] Cf. NIZA BOTELHO MEGALE, *op. cit.*, p. 385-386.
- [36] Cf. a propósito, EDÉSIA ADUCCI, *op. cit.*, p. 306-307.
- [37] J. F. HAUCK, *Visão histórica da devoção mariana no Brasil*, em *Teologia e devoção mariana no Brasil*, Paulinas, São Paulo 1989, p. 79.
- [38] Nos documentos do século XVII que se referem explicitamente às “Sete Dores” de Nossa Senhora, a Coroa é geralmente chamada de *Corona septem dolorum beatæ Mariæ Virginis*. Apesar disso, foi se tornando cada vez mais freqüente e popular o nome de *Coroa de Nossa Senhora das Dores*. Hoje, esse nome, que indica globalmente todo o mistério da dor de Maria, deve ser preferido àquele que traz a referência numérica. Também no *Calendário Romano* aprovado por Paulo VI em 14 de fevereiro de 1969, com o motu proprio *Mysterii Paschalis*, o nome da memória de 15 de setembro foi mudado de *Septem Dolores B. Mariæ Virginis* para *B. Maria Virgo Perdolens*, deixando de lado a referência numérica.
- [39] Cf. A. M. ROSSI. *Manuale di Storia dell’Ordine dei Servi di Maria (MCCXXXIII-MCMLIV)*. Roma, Convento di San Marcello, 1956, p. 446. Desde os séculos XV e XVI, os textos legislativos e os manuais de piedade da Ordem prescrevem ou aconselham aos frades e aos membros da Ordem Secular algumas “coroas” (*Coroa dos cinco Salmos, Coroa das sessenta e três Ave-Marias*), mas não se trata ainda da Coroa de Nossa Senhora das Dores (cf. G. M. BESSUTTI. *Pietà e dottrina mariana nell’Ordine dei servi di Maria nei secoli XV e XVI*. Roma, Edizioni Marianum, 1984, pp. 73-76).
- [40] Em dois documentos pontifícios de Paulo V (†1621), dirigidos à Ordem em 1607 (*Cum certas unicuique* de 14 de fevereiro e *Cum nos nuper* de 28 de julho), dá-se o nome de “*Confraternitas s. Mariæ*” e “*Confraternitas b. Mariæ Servorum*” aos grupos leigos canonicamente erigidos nas igrejas dos Servos de Maria (cf. *Annales OSM*, II, p. 359-360). Apesar disso, no âmbito da Ordem, tais confrarias recebiam geralmente o nome de “*Societates B. Mariæ Virginis*”. Com o crescimento do culto a Nossa Senhora das Dores, Inocêncio X (†1655), acatando pedido da Ordem, com o breve *Cum sicut dilectus*, de 2 de agosto de 1645, trocou o nome de “*Confraternitas Habitus*” para “*Confraternitas Septem Dolorum B. Mariæ Virginis*”: “... supplicationibus illius nomine [de frei Ângelo M. Panvino, procurador geral] Nobis super hoc humiliter prorectis inclinati, *titulum et denominationem Confraternitatum Habitus* praedicti hactenus erectarum et de coetero [...] erigendarum [...] in ecclesiis dicti Ordinis *in titulum Septem Dolorum eiusdem Beatissimæ Virginis* [...] apostolica auctoritate commutamus” (*Annales OSM*, III, p. 83). Cf. P. M. BRANCHESI. *Terziari e Gruppi laici dei Servi dalla fine del sec. XVI al 1645*, em *Studi Storici OSM* 28 (1978), pp. 304-305.340.

- [41] “Quoties vero praedicti confratres e consoroeres [...] eodem die [sabbati] septies orationem Dominicam, et toties salutationem Angelicam in honorem septem dolorum ejusdem B. M. dixerint [...] toties sexaginta dies de iniunctis eis, seu alias quomodolibet debitis paenitentijs in forma Ecclesiae consueta relaxamus”: cf. *Annales OSM*, II, pp. 359-360.
- [42] Cf. P. M. BRANCHESI. *Bibliografia dell'Ordine dei Servi*, III. Edizioni del secolo XVII (1601-1700). Bologna, Centro Studi OSM, 1973, p. 37. Doravante essa obra será citada como *Bibliografia OSM*.
- [43] Texto citado por P.M. BRANCHESI. *Terziari e Gruppi laici dei Servi dalla fine del sec. XVI al 1645*, em *Studi Storici OSM* 28 (1978), p. 320, nota 63.
- [44] *Ibid.*
- [45] O Rosário já havia recebido a aprovação pontifícia, primeiro de Sisto IV (†1484) mediante a bula *Ea quae ex fidelium*, de 9 de maio de 1479 (cf. *Magnum Bullarium Romanum*, I. Lugduni 1655, p. 284), e depois de São Pio V (†1572) mediante a bula *Consueverunt Romani Pontífices*, de 17 de setembro de 1569 (cf. *Magnum Bullarium Romanum*, I. Lugduni 1655, p. 284). No século XVII, portanto, o Rosário era para os Servos de Maria um ponto de referência confiável devido à aprovação recebida, à sua estrutura bem delineada e à sua ampla difusão entre os fiéis.
- [46] Ao que parece, o início deste exercício de piedade deveria situar-se entre 1607 (*terminus post quem*) e 1617 (*terminus ante quem*): de fato, a “Coroa das Sete Dores” não aparece na lista dos exercícios de piedade, praticados pelos leigos das igrejas dos Servos de Maria, indulgenciados por Paulo V em 14 de fevereiro de 1607; por outro lado, em 1608, frei Arcângelo Battollini, zeloso propagador do culto a Nossa Senhora das Dores, ignora a “Coroa” em sua obra (*Fonte Salutifera di Gesù...*), na qual, se a coroa existisse, certamente a teria mencionado.
- [47] Cf. *Bibliografia OSM*, II, p. 39.
- [48] *Ibid.*, p. 40.
- [49] *Ibid.*, p. 20.
- [50] Texto citado por P. M. BRANCHESI. *Terziari e Gruppi laici dei Servi alla fine del sec. XVI al 1645*, em *Studi Storici OSM*, 28 (1978), p. 340, nota 142.
- [51] *Bibliografia OSM*, III, p. 81.
- [52] Nas polémicas que acontecem em relação ao modo de rezar a Coroa, freqüentemente recorre-se à autoridade da Igreja (“ex instituto Ecclesiae”), principalmente no que diz respeito à ordem seqüencial das “sete dores” e ao conteúdo de algumas delas.
- [53] *Annales OSM*, III, p. 90.
- [54] “In exercitiis spiritualibus recolendi dolores B. M. adhibeatur methodus a Religione praescripta et Mediolanis impressa, ut sit tota Religio ubique conformis”: cf. *Ibid.*, p. 91.
- [55] “Confirmatum postmodum fuit decretum Capituli Generalis anno 1646 celebrati quoad modum recitandi Coronam 7 Dolorum Beatissimae Virginis typis impressum Mediolani in singulis Ordinis nostri conventibus”: cf. *Ibid.*, p. 212.
- [56] “Cap. 3. In exercitiis spiritualibus recolendi Dolores B. V. ubique servetur ritus, et methodus antiqua, considerando et incipiendo Dolores B. V. a Circuncisione D. N. Jesu Christi, et ubique rejiciatur et rescindatur quaeque alia methodus, nec ab instituto Ecclesiae recedatur, et ad hoc ut tota Religio sit conformis”: cf. *Ibid.*, p. 238.
- [57] Nas folhas 53-56 do manuscrito nº 10527 da Biblioteca Nacional de Paris, que remonta ao ano de 1350, há sete orações atribuídas a Inocêncio IV (†1254), compostas “em honra das sete principais dores de espadas traspassadas que a B. Virgem Maria sofreu em sua alma na prisão e na paixão do seu Filho na Sexta-feira Santa”. E a primeira dor é enunciada com estas palavras: “... quando ouviste que teu dulcíssimo Jesus foi capturado pelos ímpios, amarrado e submetido a vários suplícios e opróbrios” (A. WILMART. *Auteurs spirituelles et textes dévots du Moyen Age Latin*. Paris, Libraire Bloud et Gay, 1932, p. 522-523).
- [58] O cap. 54 do *Speculum humanae salvationis*, de 1324, trata *De septem tristitiis B. V. M.* A primeira “tristeza” refere-se à profecia de Simeão: “Primam tristitiam, mater dulcissima, tunc habuisti quando prophetiam Symeonis in templo Domini audivisti” (*Ibid.*, 532). O texto *De septem tristitiis B. V. M.*, segundo a edição de A. Wilmart, encontra-se em A. M. LÉPICIER. *Mater Dolorosa*. Notes d’histoire, de Liturgie et d’iconographie sur le culte de Notre-Dame des Douleurs. Spa, Aux Éditions Servites, 1948, p. 111-126, com tradução francesa de P. M. Soulier.

- [59] *Scuola per imparare a meditare i sette dolori di Maria Vergine esposti alla pubblica luce*. Roma, a spese del Tinassi, 1678, p. 111-126, principalmente p. 112.
- [60] *Pietosi affetti di compassione sopra li dolori della B. V. Maria*. Bologna, Bartolomeo Cochi, 1612, p. 153.
- [61] V. BENASSI - O. J. DIAS - F. M. FAUSTINI. *Os Servos de Maria. Breve história da Ordem*, tradução de frei José M. Milanez, Roma 1990, p.140.
- [62] “In signum autem externum, quod Ordo noster sub vexillo dolorosae Matris Dei militat, quilibet ad latus dexterum pendentem habeat et appensam Cingulo coronam de septem doloribus eiusdem, cui inserta sint numismata exprimentia ex una parte effigiem Dolorosae Matris, ex altera mysteria dolorosa” (*Regula S. Augustini episcopi et Constitutiones Fratrum Servorum beatae Mariae Virginis specialem vivendi modum in Germania profitentium*, art. 16. Romae, Mainardi, 1727, pp. 4-5).
- [63] *Ibid.*, art. 3.6.11, p. 11-13.
- [64] “Ad nutriendum magis spiritum, omnibus commendatur lectio spiritualis. Commendatur etiam recitatio coronae Septem Dolorum Beatae Mariae Virginis”: cf. *Regula S. Augustini episcopi et Constitutiones Fratrum Servorum beatae Mariae Virginis*. Romae, Typographia Pontificia Instituti Pii IX, 1907, art. 55, p. 29.
- [65] “Informações dadas ao capítulo geral de 1678” (Roma. *Arch. Gen. OSM*, *Negotia Relig. a saec. XVII*, vol. 64, f. 276r).
- [66] “Tunica [...] praecingatur zona nigra coriacea, cum fibula ossea vel ferrea, absque ornatu, in qua nihil pendeat nisi a dextris corona Septem Dolorum Beatae Mariae Virginis”: cf. *Constitutiones 1907* (cit. nota 27), art. 106, p. 38.
- [67] “Laici vero et nescientes legere quotidie intersint missae, et coronam, ut vulgo dicitur, loco omnium horarum dicant, quo negotia domi forisque possint exercere commodius.”: cf. *Constitutiones Fratrum Servorum beatae Mariae Bononiae anno 1556 editae*, art. 3, em P. SOULIER, *Constitutiones antiquae et recensiores Fratrum Servorum Sanctae Mariae*. Bruxellis, Typis Polleunis et Ceuterich, 1905, p. 6.
- [68] “Layci [...] debent dicere pro matutino sexaginta *Pater noster*, pro prima quatuordecim, pro tertia XIII, pro Sexta XIII, nona XIII, vespere viginti quinque, pro vigilia Domine nostre septem, pro completorio XIII” (*Constitutiones antiquae*, cap. II. De officio ecclesiae, em *Monumenta OSM*, I, p. 30-31). No cômputo dos *Pai-Nossos* que se devem rezar em lugar do Ofício divino - cento e cinqüenta e cinco - não estão incluídos os sete que substituem a *Vigília Dominae nostrae*.
- [69] Cf. A. M. ROSSI. *Manuale di Storia dell'Ordine dei Servi di Maria* (cit. nota 2), p. 88 e nota 133.
- [70] Cf. *Breve Romanus Pontifex*, em *Annales OSM*, II, p. 216-217.
- [71] Cf. *Regula S. Augustini et Constitutiones Ordinis Fratrum Servorum Beatae Mariae Virginis*. Typographia Pont. et Episc. S. Joseph, 1940, art. 24, p. 22.
- [72] “Cum aliquis ex nostro Ordine [...] ab hac luce migraverit [...] quilibet Sacerdos [...] tres Missas pro eius anima celebret; Clerici vero Officium Mortuorum; qui vero legere non norunt, duas Coronas B. V. dicant”: em *Regula beati Patris Augustini et Constitutiones Fratrum Servorum*. Bononiae, Typis Io. Baptistae Ferronij, 1643, cap. III. *De mortuorum suffragiis*, p. 7.
- [73] Seria absurdo se, em lugar de rezar os salmos do Ofício Divino, se prescrevesse um exercício de piedade - a Coroa do Santíssimo Nome de Maria - composta de cinco salmos. Note-se que as Constituições antigas prescreviam aos frades leigos a reza de sete *Pai-nossos* em lugar da *Vigília de Nossa Senhora*, composta de três salmos. Cf. o texto citado na nota 28. Com relação à “Coroa dos Cinco Salmos”, cf. a obra fundamental de P. M. GRAFFIUS. *The “Corona Gloriosae Virginis Mariae”*. Roma, Edizioni “Studi Storici OSM”, 1964.
- [74] Uma confirmação de que se tratava da atual *Coroa do Rosário* encontra-se nas Constituições dos eremitas de Monte Senário, onde se lê o seguinte: “naquele dia [17 de novembro, aniversário dos benfeitores defuntos], [...] os irmãos leigos e outros que não saibam ler [rezem] a Coroa da bem-aventurada Virgem com o *Requiem aeternam* em cada dezena” (*Costituzioni de’ Romiti del Sacro Eremo di Santa Maria de’ Servi di Monte Senario*. Firenze, Sermantelli, 1613, pp. 46-47).
- [75] Nas Constituições de 1940 (nota 34) a expressão *Corona beatae Mariae Virginis* aparece nos artigos 42, 48, 51, 53 (Cap. IV *De Mortuorum suffragiis*); o simples termo *Corona* encontra-se nos artigos 24 (Cap. II. *De officio ecclesiae*), 43, 47, 50 (Cap. IV. *De mortuorum suffragiis*), 140 (Cap. XIII. *De itinerantibus*).

- [76] “Ex audientia SS, die 12 Septembris 1885, SS. Dominus N. Leo PP. XIII, audita supplicis oratoris postulatione in omnibus eidem adstipulari vota que totius Ordinis Servorum B.M.V., clementissime exaudire dignatus est. L. M. Card. Vicarius”. Cf. *Arch. Gen. OSM*, Reg. PP. Gen. Rom..., 44, p. 37.
- [77] Cf. H. DENZINGER; A. SCHÖNMETZER. *Enchiridion Symbolorum*, 33ª ed., Romae, Herder, 1965, nº 1835, p. 421.
- [78] Cf. *Annales OSM*, III, p. 296.
- [79] “... Corona [...] septem praecipuorum dolorum et septem septemnarijs Angelicarum salutationum, septemque Dominicis Orationibus, una cum tribus aliis Ave Maria in honorem lacrymarum eiusdem Beatae Mariae Virginis, composita”: cf. *Ibid.*, pp.720-721.
- [80] Cf. *Monumenta OSM*, XX, p. 142.
- [81] Cf. *Acta Apostolicae Sedis* 59 (1967), pp. 5-24.
- [82] *Acta OSM* 28 (1968), p. 23-24.
- [83] Cf. VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen gentium* 58.
- [84] Quanto a esses dados históricos mais antigos, recordemos o que nos foi legado pela obra autografada de frei Carlos Vicente M. Pedini, *Istoria del convento di Bologna*, o qual, referindo-se à adoção da reza da “Coroa das Sete Dores” na Igreja dos Servos de Maria de Bolonha em 1640, assim escrevia: “Começou-se a recitar publicamente na igreja e por todo o povo, alternadamente, a coroa das sete dores” (texto citado acima, nº 9). Dentre os antigos opúsculos, cite-se o de Lourenço Giusti de Florença (†1685), *Scuola per imparare a meditare i sette dolori di Maria Vergine* (cit. nota 22). Seu testemunho é valioso: propõe a celebração comunitária da “Coroa das Sete Dores”, começando com esta exortação: “Caríssimos irmãos e irmãs, faremos nossos costumeiros exercícios de piedade, meditando devotamente as sete dores que a bem-aventurada Virgem Maria suportou na vida e na morte do seu querido e amado filho e nosso Salvador” (p. 112); e há também uma rubrica que diz: “O padre dirigente dirá”, “O povo responderá” (p. 118).
- [85] Cf. VATICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium* 55.
- [86] Na solenidade de Nossa Senhora das Dores (15 de setembro), o “Próprio” da Ordem apresenta Judite, a heroína de Betúlia, como figura de Maria. Cf. *Lectioarium Ordinis Fratrum Servorum beatae Mariae Virginis*. Editio Typica. Romae, Curia Generalis OSM, 1972, p. 34: “Lectio I. Judith 13,22-25”.
- [87] O “Próprio” da Ordem, na memória de Maria Mãe e Medianeira de graças (8 de maio), apresenta a rainha Ester como figura da Virgem. Cf. *Lectioarium OSM* (cf. nota 49), p. 23: “Lectio I. Est 8,3-8.16-17a”.
- [88] O “Próprio” da Ordem, na festa da Virgem Maria ao pé da Cruz (Sexta-feira da V Semana da Quaresma), quando, por motivos locais, é celebrada como solenidade, apresenta a heróica mãe dos Macabeus como figura da Mãe de Jesus. Cf. *Lectioarium OSM* (cf. nota 49), p. 54: “Lectio I. 2Mac 7,1”.
- [89] PAULO VI. Exortação apostólica *Marialis cultus*, 26.
- [90] Por exemplo, no piedoso exercício das Sete Alegrias, “uma das devoções mais antigas da Ordem dos Servos de Maria” (D. M. MONTAGNA. *I “sette gaudi” di Maria secondo fra Ambrogio Spiera*, em *Fonti per la storia della pietà mariana in Italia. I. Episodi e testi dei secoli XIV-XVI*. Vicenza 1979, p. 30), a ressurreição do Filho constitui uma das “alegrias” de Maria. Frei Paulo de Faenza, na obra *De ratione absolutissimae confessionis*, publicada em Bolonha em 1500, assim descreve esta alegria: “Gaude, quia tui nati, quem dolebas mortem pati, fulget resurrectio” (*Bibliografia OSM*, I, p. 165).
- [91] O *Planctus Mariae* era um tipo de composição muito popular nos séculos XIII-XV, primeiro em latim e depois em língua vernácula. E. de Martino vê no *Planctus Mariae* medieval um resíduo da antiga lamentação fúnebre, purificada e quase transfigurada pela visão cristã da morte (cf. *Morte e pianto rituale. Dal Lamento funebre antico al pianto di Maria*. Torino, Boringhieri Editore, 1975, pp. 334-344). Embora com apresentação diferente, os vários *planctus* apresentam a Mãe Dolorosa como “altíssimo modelo de dor cristã” (*Ibid.*, p. 337) ou “modelo do novo *ethos* cristão frente à morte” (*Ibid.*, p. 341). Para uma interpretação e catalogação dos *planctus Mariae* cf. S. STICCA. *Il Planctus Mariae nella tradizione drammatica del Medioevo*. Sulmona, Teatro Club, 1985.
- [92] 208º CAPÍTULO GERAL DA ORDEM DOS SERVOS DE MARIA, *Fazei tudo o que Ele vos disser*. Reflexões e propostas para a promoção da piedade mariana, Trad. de Aleixo M. Autran, Paulinas, S. Paulo 1984, p. 44.
- [93] Cf. JOÃO PAULO II. Carta apostólica *Salvifici doloris*, 25.

- [94] Cf. JOÃO PAULO II. Carta apostólica *Salvifici doloris*, 6.
- [95] *Ibid.*, 19.
- [96] *Liturgia das Horas. Ofícios próprios da Ordem dos Servos de Santa Maria*. Edição em língua portuguesa, Roma 1995. Dia 15 de setembro. Nossa Senhora das Dores. I Vésperas, ant. 1, p. 227.
- [97] Cf. *Constituições OSM*, 319.
- [98] *Ibid.*
- [99] As “alegrias” consideradas na vida de Maria foram inicialmente cinco (cf. A. WILMART. *Auteurs spirituels et textes dévots du Moyen Age Latin*, citado na nota nº 20, pp. 238-329), mas a passagem de “cinco” para “sete” ocorreu logo em seguida (cf. *Ibid.*, p. 329, nota 1). Um dos textos mais antigos que fala das “sete alegrias” é o poema *Virgo templum Trinitatis* atribuído por G. G. Meersseman a Philippe de Grève († 1236), mencionado em G. G. MEERSSEMAN. *Der Hymnos Akathistos im Abendland*. Freiburg Schweiz, Universitäts verlkag, 1960, II, pp. 195-199.
- [100] Cf. A. WILMART. *Auteurs spirituels et textes dévots du Moyen Age Latin* (cf. nota 20), p. 513 e nota 3; cf. também E. BERTAUD. *Doleurs (Notre-Dame des Sept Douleurs)*, em *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique*, III (1957), 1686-1701, particularmente sobre o número das “dores”, 1692-1693.
- [101] Assim, por exemplo, frei Arcângelo Ballottini, na obra *Pietosi affetti di compassione sopra li dolori della B. V. Maria* (cf. nota 23), ao descrever o conhecido tipo iconográfico da Virgem com o coração traspassado por sete lanças, nos mostra que tal caracterização se deve ao fato que “sete foram as suas *dores principais*”, p. 153.
- [102] Cf. a este respeito a síntese documental de E. BERTAUD. *Douleurs (Notre-Dame des Sept Douleurs)*, nota 63, p. 1692-1693.
- [103] CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium*, 58.
- [104] A. MOGLIANO. *Storia della letteratura italiana dalle origine ai nostri giorni*, 8ª edizione. Milano, Principato, 13.
- [105] Utilizando as palavras de A. MOGLIANO no comentário ao *Stabat Mater (Antologia della letteratura italiana*, 9ª edizione. Vol. I. Dalle origini alla fine del Quattrocento. Milano, Principato, 1976, p. 15, nota 2).
- [106] O desejo ardente do poeta de compartilhar a paixão de Cristo (“*Fac ut portem Christi mortem, / passionis fac consortem, / et plagas recolere. Fac me plagis vulnerari, / fac me cruce inebriari, / et cruore Filii*”) e de compartilhar também a dor de Maria (“*...poenas mecum divide... Fac me tecum pie flere...luxta crucem tecum stare, / et me tibi sociare / in planctu desidero... Fac me tecum plangere*”) são um dos temas mais frequentes do *Stabat Mater* e uma das súplicas feitas com maior intensidade.
- [107] Assim, por exemplo, no já citado “*Modo de rezar a Coroa das Sete Dores da B. A. Virgem*” (1678), publicado por frei Lourenço Giusti de Florença (†1685), o *Stabat Mater* era dividido em três partes, uma para cada dia do tríduo (cf. *Scuola per imparare a meditare y sette dolori di Maria...*, cit. em nota 22, p. 118-126).
- [108] Cf. LEO XIII. Epistula encyclica *Supremi apostolatus officio*, em *Acta Leonis XIII Pontificis Maximi*, vol. III. Romae, Ex Typographia Vaticana, 1884, p. 286.
- [109] A *Ladainha da Mãe das Dores* é o formulário mais difundido na Ordem dos Servos de Maria. Veja o texto no *Manuale in usum Fratrum Ordinis Servorum B.M.V. Oeniponti, Litteris Societatis Marianae*, 1888, publicado com a autorização do prior geral, frei Pedro Francisco M. Testa (†1888), p. 256-258. Para uma avaliação e breve comentário, cf. L. M. PAZZAGLIA. *La Donna del dolore*, 3ª ed. Torino, LICE - R. Berruti, 1953, p. 322-328. A Ladainha de Nossa Senhora das Dores devia ser adotada exclusivamente para uso privado, uma vez que fora explicitamente proibido recitá-la “in ecclesiis vel oratoris publicis”: cf. *Decreta authentica Congregationis Sacrorum Rituum*, vol. III, Ex Typographia Polyglota S.C. De Propaganda Fide, 1900, decr. nº 3820, p. 260.
- [110] *Constituições OSM*, 7 (cit. nota 20).
- [111] *Rito de Admissão na Ordem Secular dos Servos de Maria*, em *Livro de Oração dos Servos de Maria*, 2ª ed. revista e ampliada por frei José M. Milanez, São José dos Campos 2002, p. 178
- [112] CONCÍLIO VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium* 13.
- [113] *Ibid.*, 106.

- [114] No formulário tradicional são: 1. “Maria acolhe com fé a profecia de Simeão” (Lc 2,34-35); 2. “Maria foge para o Egito com Jesus e José” (Mt 2,13-14); 3. “Maria procura Jesus perdido em Jerusalém” (Lc 2,43-45).
- [115] No formulário novo são: 1. “Jesus, Filho de Deus, nasce numa gruta: não havia lugar para a Mãe na hospedaria” (Lc 2,1-7); 2. “Jesus, Salvador dos homens, sinal de contradição”; 3. “Jesus, Messias recém-nascido, é perseguido por Herodes” (Mt 2,13-18).
- [116] Assim, por exemplo, no dia 29 de dezembro (quinto dia da Oitava do Natal) a liturgia eucarística proclama a passagem de Lc 2,22-35 que narra a profecia de Simeão (v. 34-35).
- [117] Cf. acima nº 29.
- [118] O presente roteiro da *Via Matris* foi composto por frei José M. Milanez, segundo o esquema tradicional (Leitura Bíblica, reflexão, invocações e canto). São originais do autor apenas a reflexão que segue à leitura do evangelho e as orações.
- [119] Esses dados sobre a *Via Matris* foram extraídos do *Dicionário de Mariologia* (dirigido por Stefano de Fiores e Salvatore Meo), edição em língua portuguesa, Paulus, São Paulo 1995, p. 426-427; cf. também ALESSIO MARIA ROSSI, *Manuale di storia dell’Ordine dei Servi di Maria*, Roma 1956, p. 448-449; e *Livro de Oração dos Servos de Maria*, 2ª edição revista e ampliada por frei José M. Milanez, São José dos Campos 2002, p. 52-53.
- [120] *Novena Perpétua em honra de Nossa Senhora das Dores*, trad. frei Thiago M. Mattioli, Tipografia do Orfanato Cristóvão Colombo, São Paulo, 1942, 26 p.
- [121] Trata-se de Antero de Quental, (†1891). É a primeira estrofe do soneto intitulado: *À Virgem Santíssima, cheia de graça, Mãe de misericórdia*, citado por CLODOVIS M. BOFF, OSM, *Nossa Senhora das Bem-aventuranças*, Edições Paulinas, São Paulo, 1984, p. 20.
- [122] Trata-se de frei David M. Turoldo, escritor e poeta da Ordem dos Servos de Maria, que compôs os hinos dos Ofícios Próprios OSM. Estes versos são do hino do Ofício das Leituras da festa da “Bem-aventurada Virgem Maria ao pé da Cruz”.
- [123] Do Hino das Vésperas da festa da B. Virgem Maria ao pé da Cruz.
- [124] Do hino das II Vésperas da solenidade de Nossa Senhora das Dores, 15 de setembro.
- [125] Hino das II Vésperas do Ofício da Solenidade de Nossa Senhora das Dores.

**V. COMO REZAR A COROA**  
**FORMULÁRIO TRADICIONAL**

**1º ROTEIRO**

**CONTEMPLAMOS, Ó VIRGEM MARIA, O MISTÉRIO DA VOSSA DOR**

***Introdução***

D. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

T. Amém!

D. Nós vos louvamos e vos bendizemos, Senhor

T. Porque associastes a Virgem Maria à obra da salvação.

D. Contemplamos a vossa dor, ó Maria

T. Para seguir-vos no caminho da fé.

***Memória das Dores de Maria***

1ª dor: Maria acolhe, com fé, a profecia de Simeão

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias - Santa Maria*

2ª dor: Maria foge para o Egito com Jesus e José

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias - Santa Maria*

3ª dor: Maria procura Jesus perdido em Jerusalém

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias - Santa Maria*

4ª dor: Maria encontra-se com Jesus no caminho do Calvário

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias - Santa Maria*

5ª dor: Maria permanece junto à cruz do seu Filho

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias - Santa Maria*

6ª dor: Maria recebe nos braços o corpo de Jesus deposto da Cruz.

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias - Santa Maria*

7ª dor: Maria leva ao sepulcro o corpo de Jesus à espera da ressurreição.

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias - Santa Maria*

***Pela reconciliação e a paz***

*[Depois da última série de sete Ave-Marias, pode-se acrescentar outras três para implorar a reconciliação e a paz para o mundo e a Igreja e para recomendar à Virgem das Dores as intenções da comunidade orante].*

## **Conclusão**

D. Nós vos louvamos, Santa Maria  
T. Mãe fiel junto à cruz do Filho.

## **Aclamação**

Bendita sois vós, Rainha dos mártires:  
associada à paixão de Cristo,  
vos tornastes nossa mãe,  
sinal de esperança em nosso caminho.

## **Seqüência**

*[Depois da aclamação, é facultativo o canto ou a reza do Stabat Mater, mesmo em sua forma mais breve, que começa com a estrofe "Sancta Mater, istud agas (Ó Santa Mãe, dá-me isto)". O Stabat Mater pode ser substituído por outro canto de conteúdo e teor literário semelhante ou pela Ladainha de Nossa Senhora das Dores. Omitindo-se o Stabat Mater ou a Ladainha, logo depois da aclamação "Bendita sois vós", reza-se a Oração].*

## **Stabat Mater**

Estava a Mãe dolorosa,  
junto da cruz, lacrimosa,  
enquanto o filho pendia.

Na sua alma agoniada  
enterrou-se a dura espada  
de uma antiga profecia.

Oh! quão triste e quão aflita,  
entre todas, Mãe bendita,  
que só tinha aquele Filho!

Quanta angústia não sentia  
Mãe piedosa, quando via  
as penas do Filho seu!

Quem não chora, vendo isto:  
contemplando a Mãe do Cristo  
num suplício tão enorme?

Quem haverá que resista,  
se a Mãe assim se contrista  
padecendo com seu Filho?

Por culpa de sua gente,  
via Jesus, inocente,  
entregando o seu espírito.

Vê agora o seu amado,  
pelo Pai abandonado,  
ao flagelo submetido.

Faze, ó Mãe, fonte de amor,  
que eu sinta o espinho da dor,  
para contigo chorar.

Faze arder meu coração  
do Cristo Deus na paixão,  
para que o possa agradar.

Ó Santa Mãe, dá-me isto:  
trazer as chagas do Cristo  
gravadas no coração.

Do teu Filho, que por mim  
entrega-se a morte assim,  
divide as penas comigo.

Oh! dá-me, enquanto viver,  
com Cristo compadecer,  
chorando sempre contigo.

Junto à cruz eu quero estar,  
quero o meu pranto juntar  
às lágrimas que derramas.

Virgem, que às virgens aclara,  
não sejas comigo avara:  
dá-me contigo chorar.

Traga em mim do Cristo a morte,  
da paixão seja consorte,  
suas chagas celebrando.

Por elas seja eu rasgado,  
pela cruz inebriado,  
pelo sangue de teu Filho!

No julgamento consegue  
que às chamas não se entregue  
quem por ti é defendido.

Quando do mundo eu partir,  
dai-me, ó Cristo, conseguir,  
por vossa Mãe, a vitória.

Quando o meu corpo morrer,

possa a alma merecer  
do Reino celeste a glória. Amém!

### ***Ladainha de Nossa Senhora das Dores***

Senhor, tende piedade de nós!  
Cristo, tende piedade de nós!  
Senhor, tende piedade de nós!  
Cristo, ouvi-nos!  
Cristo, atendei-nos!

*[repete-se]*

Deus Pai, que estais no céu,  
Deus Filho, redentor o mundo,  
Espírito Santo Paráclito,  
Trindade Santa, que sois um só Deus,

*tende piedade de nós!*

Mãe de Jesus crucificado,  
Mãe do coração traspassado,  
Mãe do Cristo redentor,

*rogai por nós!*

Mãe dos discípulos de Jesus,  
Mãe dos redimidos,  
Mãe dos viventes,

Virgem obediente,  
Virgem oferente,  
Virgem fiel,

Virgem do silêncio,  
Virgem da espera,  
Virgem da Páscoa,  
Virgem da Ressurreição,

Mulher que sofreu o exílio,  
Mulher forte,  
Mulher corajosa,  
Mulher do sofrimento,  
Mulher da Nova Aliança  
Mulher da esperança,

Nova Eva,  
Cooperadora na salvação,  
Serva da reconciliação,

Defesa dos inocentes,  
Coragem dos perseguidos,  
Fortaleza dos oprimidos.

Esperança dos pecadores,

Consolação dos aflitos  
Refúgio dos marginalizados,

Conforto dos exilados,  
Sustento dos fracos,  
Alívio dos enfermos,

Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo,  
Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo,  
Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo,

*Perdoai-nos, Senhor!  
Ouvi-nos, Senhor!  
Tende piedade de nós!*

### **Oração**

D. Deus, quisestes que junto à cruz do vosso Filho estivesse a sua Mãe como companheira na dor: fazei que, unidos a ela na paixão de Cristo, participemos também da glória da ressurreição. Pelo mesmo Cristo Senhor nosso.

T. Amém

*Ou:*

D. Ó Deus, quisestes que a vida da Virgem Maria fosse marcada pelo mistério da dor: concedei-nos, vos pedimos, percorrer a seu lado o caminho da fé e unir nossos sofrimentos à paixão de Cristo, para nos tornarmos instrumentos de graça e salvação. Por Cristo Senhor nosso.

T. Amém

### **Despedida**

D. Proteja-nos Santa Maria e benigna nos acompanhe pelos caminhos da vida.

T. Amém

## 2º ROTEIRO

### MEDITAMOS, Ó VIRGEM MARIA, O MISTÉRIO DA VOSSA DOR

#### **Introdução**

D. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.  
T. Amém!

D. Nós vos louvamos e vos bendizemos, Senhor  
T. Porque associastes a Virgem Maria à obra da salvação.

D. Contemplamos a vossa dor, ó Virgem Maria  
T. Para seguir-vos no caminho da fé.

#### **Memória das Dores de Maria**

*[Neste segundo roteiro, a reza da Ave-Maria limita-se só à parte bíblica (cf. Introdução, nº 8), ou seja: o dirigente proclama a "saudação do Anjo" (Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco) e todos respondem com a "bênção" de Isabel (Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus), seguindo-se uma frase que recorda ritmicamente o conteúdo da "dor" contemplada. Depois da sétima Ave-Maria, proclama-se a invocação eclesial "Santa Maria", na forma indicada para cada "dor", estabelecendo-se assim uma relação entre a "dor" contemplada e a nossa condição de pecadores. Por exemplo: "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, que relutamos a carregar a nossa cruz". L. = Leitor - D. = Dirigente - T. = Todos].*

#### **PRIMEIRA DOR:**

##### **Maria acolhe com fé a profecia de Simeão**

*Ai de mim, minha mãe, que me destes à luz,  
homem de litígio e contenda com todo o país!  
(Jr 15,10ab)*

#### **Palavra de Deus**

L. Do Evangelho de São Lucas (2,34-35)

Simeão disse a Maria, Mãe de Jesus: "Eis que ele está destinado a ser ocasião de queda e de ressurgimento para muitos em Israel e para ser sinal de contradição, e tu mesma terás a alma traspassada por uma espada, a fim de se revelarem os pensamentos de muitos corações".

*[momento de silêncio]*

#### **Oração do Senhor [Pai-Nosso]**

***Oração bíblica à Virgem Maria [Sete vezes, como segue:]***

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *palavra que revela os pensamentos do coração.*

Ou então: ... *que apresentastes no templo.*

***Invocação eclesial***

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *lentos em reconhecer o Senhor.* Amém.

**SEGUNDA DOR:**

**Maria foge para o Egito com Jesus e José**

*Quando Israel era ainda jovem, eu o amei,  
e do Egito chamei para fora o meu filho.  
(Os 11,10)*

**Palavra de Deus**

L. Do Evangelho segundo São Mateus (2,13-14)

Eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José e disse-lhe: "Levanta-te, toma o Menino e sua mãe e foge para o Egito e fica lá até eu te avisar, porque Herodes está procurando o Menino para o matar". Ele levantou-se, tomou, de noite, o Menino e sua mãe e retirou-se para o Egito.

*[momento de silêncio]*

***Oração do Senhor [Pai-Nosso]***

***Oração bíblica à Virgem Maria [Sete vezes, como segue:]***

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *refugiado em terra estrangeira.*

Ou então: ... *que salvastes do perseguidor.*

***Invocação eclesial***

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *afastados do caminho do Reino.* Amém.

**TERCEIRA DOR:**

## **Maria procura Jesus perdido em Jerusalém**

*Busquei o amado do meu coração  
procurei-o mas não o encontrei:  
"Levantar-me-ei e darei voltas pela cidade,  
pelas ruas e praças;  
buscarei o amado do meu coração" (Ct 1b-2).*

### **Palavra de Deus**

L. Do Evangelho segundo São Lucas (2,43b-45)

Terminada a festa da Páscoa, ao regressarem, o Menino Jesus ficou em Jerusalém, sem os pais se aperceberem disso. Acreditando que ele se encontrasse na caravana, caminharam um dia de viagem e começaram a procurá-lo entre os parentes e conhecidos. Não o encontrando, voltaram a Jerusalém à procura dele.

*[momento de silêncio]*

### **Oração do Senhor [Pai-Nosso]**

### **Oração bíblica à Virgem Maria [Sete vezes, como segue:]**

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *decidido a cumprir a vontade do Pai.*

Ou então: ... *a quem aflita procurastes.*

### **Invocação eclesial**

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *propensos a esquecer a glória do Pai.* Amém.

## **QUARTA DOR:**

### **Maria encontra-se com Jesus no caminho do Calvário**

*Abrão tomou a lenha do sacrifício  
e colocou-a sobre os ombros de seu filho Isac;  
e ele tomou na mão o fogo e o cutelo e caminharam juntos (Gn 22,6)*

### **Palavra de Deus**

L. Do Evangelho de São Lucas (23,26-27)

Quando iam conduzindo Jesus, detiveram certo Simão de Cirene, que vinha do campo, e colocaram-lhe a cruz às costas, para a levar atrás de Jesus. Seguia-o uma grande multidão de povo e de mulheres, que batiam no peito e se lamentavam por ele.

*[momento de silêncio]*

***Oração do Senhor [Pai-Nosso]***

***Oração bíblica à Virgem Maria [Sete vezes, como segue:]***

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *homem das dores que conhece o sofrimento.*

Ou então: *que acompanhastes no caminho do Calvário.*

***Invocação eclesial***

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *arredios a carregar a nossa cruz.* Amém.

**QUINTA DOR:**

**Maria permanece junto à Cruz do Filho**

*Contemplarão aquele a quem traspassaram e chorarão por ele como se chora um filho único, terão dele um sentimento como se tem na morte de um primogênito (Zc 12,10b).*

***Palavra de Deus***

L. Do Evangelho segundo São João (19,25-27a).

Estavam junto à cruz de Jesus sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena. E Jesus, vendo a mãe e perto dela o discípulo que amava, diz à mãe: "Mulher, eis o teu filho!" Depois, diz ao discípulo: "Eis a tua mãe".

*[momento de silêncio]*

***Oração do Senhor [Pai-Nosso]***

***Oração bíblica à Virgem Maria [Sete vezes, como segue:]***

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *Cordeiro imolado para a nossa salvação.*

Ou então: ... *que vistes morrer na cruz.*

***Invocação eclesial***

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *angustiadados diante da idéia da morte*. Amém.

**SEXTA DOR:  
Maria recebe nos braços o corpo de Jesus**

*Vós todos que passais pelo caminho  
atendei e vede se há dor igual à minha  
(Lm 1,12)*

**Palavra de Deus**

L. Do Evangelho segundo São Marcos (15,42-43.45b-46a)

Já ao cair da tarde, porque era a Preparação, isto é, o dia antes do sábado, chegou José de Arimatéia, cingindo-se de coragem, apresentou-se a Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Pilatos deu o cadáver a José. Este desceu o corpo de Jesus da cruz.

*[momento de silêncio]*

**Oração do Senhor [Pai-Nosso]**

**Oração bíblica à Virgem Maria [Sete vezes, como segue:]**

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *descido da cruz e colocado em vosso braços*.

Ou então: ... *que com carinho recebestes nos braços*.

**Invocação eclesial**

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *medrosos em socorrer os perseguidos*. Amém.

**SÉTIMA DOR:  
Maria deposita o corpo de Jesus no sepulcro  
à espera da ressurreição**

*Deram-lhe sepultura com os réus  
e uma tumba entre os malfeitores,  
embora não tivesse cometido injustiça alguma,  
nem se tenha achado engano algum em sua boca.  
Das aflições do seu coração sairá para ver a luz.  
(Is 53, 9.11a)*

**Palavra de Deus**

## L. Do Evangelho segundo São João (19,40-42a)

Tomaram, pois, o corpo de Jesus e envolveram-no em ligaduras juntamente com os aromas. No lugar em que Jesus tinha sido crucificado havia um horto e, no horto, um sepulcro novo, no qual ninguém ainda fora sepultado. Ali depositaram Jesus.

*[momento de silêncio]*

**Oração do Senhor** *[Pai-Nosso]*

**Oração bíblica à Virgem Maria** *[Sete vezes, como segue:]*

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *primícias dos ressuscitados.*

Ou então: *...que, cheia de fé, depositastes no sepulcro.*

**Invocação eclesial**

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *vacilantes na fé.* Amém.

## CONCLUSÃO

D. Nós vos louvamos, ó Virgem Maria.

T. Mãe fiel junto à cruz do Filho.

Bendita sois vós, Rainha dos mártires:  
associada à paixão de Cristo,  
vos tornastes nossa mãe,  
sinal de esperança em nosso caminho.

**Seqüência**

*[Depois da aclamação, é facultativo o canto ou a reza do Stabat Mater (p. 81-84), mesmo em sua forma mais breve que começa com a estrofe "Sancta Mater, istud agas (Ó Santa Mãe, dá-me isto)". O Stabat Mater pode ser substituído por outro canto de conteúdo e teor literário semelhante ou pela Ladainha de Nossa Senhora das Dores. Omitindo-se o Stabat Mater ou a Ladainha, logo depois da aclamação "Bendita sois vós", reza-se a Oração].*

**Ladainha de Nossa Senhora das Dores** *[p. 84-85]*

**Oração**

D. Ó Deus, quisestes que junto à cruz do vosso Filho estivesse a sua Mãe como companheira na dor: fazei que unidos a Ela na paixão de Cristo, participemos da glória da Ressurreição. Por Cristo Senhor nosso.

T. Amém

*Ou:*

D. Ó Deus, quisestes que a vida da Virgem Maria fosse marcada pelo mistério da dor: concedei-nos, vos pedimos, percorrer a seu lado o caminho da fé e unir nossos sofrimentos à paixão de Cristo, para nos tornarmos instrumentos de graça e salvação. Por Cristo Senhor nosso.

T. Amém

### ***Despedida***

D. Proteja-nos Santa Maria e benigna nos acompanhe pelos caminhos da vida.

T. Amém

## NOVO FORMULÁRIO

### -1º ROTEIRO :

### CONTEMPLAMOS, Ó VIRGEM MARIA, O MISTÉRIO DA VOSSA DOR

#### ***Introdução***

D. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo  
T. Amém.

D. Nós vos louvamos e vos bendizemos, Senhor,  
T. Porque associastes a Virgem Maria à obra da salvação.

D. Contemplamos a vossa dor, ó Virgem Maria,  
T. Para seguir-vos no caminho da fé.

#### ***Memória das Dores de Maria***

1ª dor: Jesus, Filho de Deus, nasce numa estrebaria: não havia lugar para a mãe na hospedaria.

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias e Santa Maria.*

2ª dor: Jesus, Salvador da humanidade, sinal de contradição.

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias e Santa Maria.*

3ª dor: Jesus, Messias recém-nascido, é perseguido por Herodes.

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias e Santa Maria.*

4ª dor: Jesus, irmão dos homens, é rejeitado por seu povo.

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias e Santa Maria.*

5ª dor: Jesus, o Santo de Deus, é preso pelos sumos sacerdotes e abandonado pelos discípulos.

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias e Santa Maria.*

6ª dor: Jesus, o Justo, morre na cruz.

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias e Santa Maria.*

7ª dor: Jesus, Mestre e Senhor, é perseguido nos seus discípulos.

*Pai-Nosso - Sete Ave-Marias e Santa Maria.*

#### ***Pela reconciliação e a paz***

*[Depois da última série de sete Ave-Marias podem-se acrescentar outras três para implorar a reconciliação e a paz para o mundo e a Igreja e para recomendar à Virgem das Dores as intenções da comunidade orante]*

### **Conclusão**

D. Nós vos louvamos, ó Virgem Maria.  
T. Mãe fiel junto à cruz do Filho.

Bendita sois vós, Rainha dos mártires:  
associada à paixão de Cristo,  
vos tornastes nossa mãe,  
sinal de esperança em nosso caminho.

### **Seqüência**

*[Depois da aclamação, é facultativo o canto ou a reza do Stabat Mater (p. 81-83), mesmo em sua forma mais breve que começa com a estrofe "Sancta Mater, istud agas (Ó Santa Mãe, dá-me isto)". O Stabat Mater pode ser substituído por outro canto de conteúdo e teor literário semelhante ou pela Ladainha de Nossa Senhora das Dores. Omitindo-se o Stabat Mater ou a Ladainha, logo depois da aclamação "Bendita sois vós", reza-se a Oração].*

### **Ladainha de Nossa Senhora das Dores [p. 84-85]**

#### **Oração**

D. Ó Deus, quisestes que junto à cruz do vosso Filho estivesse a sua Mãe como companheira na dor: fazei que unidos a Ela na paixão de Cristo, participemos da glória da Ressurreição. Por Cristo Senhor nosso.

T. Amém

*Ou:*

D. Ó Deus, quisestes que a vida da Virgem Maria fosse marcada pelo mistério da dor: concedei-nos, vos pedimos, percorrer a seu lado o caminho da fé e unir nossos sofrimentos à paixão de Cristo, para nos tornarmos instrumentos de graça e salvação. Por Cristo Senhor nosso.

T. Amém

#### **Despedida**

D. Proteja-nos Santa Maria e benigna nos acompanhe pelos caminhos da vida.  
T. Amém

## **-2º ROTEIRO:**

### **CONTEMPLAMOS, Ó VIRGEM MARIA, O MISTÉRIO DA VOSSA DOR**

#### ***Introdução***

D. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

T. Amém!

D. Nós vos louvamos e vos bendizemos, Senhor

T. Porque associastes a Virgem Maria à obra da salvação.

D. Contemplamos a vossa dor, ó Maria

T. Para seguir-vos no caminho da fé.

#### ***Memória das Dores de Maria***

*[Neste segundo roteiro, a reza da Ave-Maria limita-se só à parte bíblica (cf. Introdução, nº 80), ou seja: o dirigente proclama a "saudação do Anjo" (Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco) e todos respondem com a "bênção" de Isabel (Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus), seguindo-se uma frase que recorda ritmicamente o conteúdo da "dor" contemplada. Depois da sétima Ave-Maria, proclama-se a invocação eclesial "Santa Maria", na forma indicada para cada "dor", estabelecendo-se assim uma relação entre a "dor" contemplada e a nossa condição de pecadores. Por exemplo: "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, fracos na hora da provação". L. = Leitor - D. = Dirigente - T. - Todos].*

#### **PRIMEIRA DOR:**

**Jesus, o Filho de Deus, nasce numa estrebaria:  
não havia lugar para a mãe na hospedaria**

*Eis que a minha família é a mais humilde de Manassés,  
e eu sou o último da casa de meu pai  
(Jz 6,15)*

#### ***Palavra de Deus***

L. Do Evangelho de São Lucas (2,6-7)

E enquanto eles ali se encontravam, completou-se para ela o tempo da gestação, e deu à luz o seu filho primogênito, que envolveu em faixas e deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

*[momento de silêncio]*

***Oração do Senhor [Pai-Nosso]***

***Oração bíblica à Virgem Maria [Sete vezes, como segue:]***

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, nascido numa estrebaria.

Ou então: ... *que deitastes numa manjedoura.*

***Invocação eclesial***

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *temerosos de acolher o pobre.* Amém.

**SEGUNDA DOR:**

**Jesus, Salvador da humanidade, sinal de contradição**

*Ai de mim, minha mãe, que me destes à luz,  
homem em litígio e contenda com todo o país!  
(Jr 15,10ab)*

***Palavra de Deus***

L. Do Evangelho segundo São Lucas (2,33-35)

Seu pai e sua mãe estavam admirados com as coisas que dele se diziam. Simeão os abençoou e disse a Maria sua Mãe: "Eis que ele é destinado a ser ocasião de queda e de ressurgimento para muitos em Israel e para ser sinal de contradição, e tu mesma terás a alma traspassada por uma espada, a fim de se revelarem os pensamentos de muitos corações".

*[momento de silêncio]*

***Oração do Senhor [Pai-Nosso]***

***Oração bíblica à Virgem Maria [Sete vezes, como segue:]***

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *sinal de contradição.*

Ou então: ... *que oferecestes ao Pai.*

***Invocação eclesial***

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *titubeantes ante o mistério da cruz.* Amém.

**TERCEIRA DOR:  
Jesus, o Messias recém-nascido  
é perseguido por Herodes**

*Ouve-se um grito em Rama, lamentação e pranto amargo: Raquel chora os seus filhos; recusa ser consolada porque eles já não existem (Jr 31,15)*

***Palavra de Deus***

L. Do Evangelho segundo São Mateus (2,13-14)

Um anjo do Senhor apareceu em sonho a José e lhe disse: "Levanta-te, toma o Menino e sua mãe e foge para o Egito e fica lá até eu te avisar, porque Herodes está procurando o Menino para o matar". Ele levantou-se, tomou o Menino e sua mãe e retirou-se para o Egito, onde ficou até a morte de Herodes.

*[momento de silêncio]*

***Oração do Senhor [Pai-Nosso]***

***Oração bíblica à Virgem Maria [Sete vezes, como segue:]***

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *perseguido por Herodes.*

Ou então: ... *que salvastes do perseguidor.*

***Invocação eclesial***

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *assustados diante das exigências do Reino.* Amém.

**QUARTA DOR:  
Jesus, irmão dos homens, é rejeitado por seu povo**

*Afastaram-se de mim os meus irmãos,  
até os meus amigos se me tornaram estranhos.  
Desapareceram os meus vizinhos,  
olvidou-me a gente da minha casa  
(Jó 19,13-14)*

***Palavra de Deus***

L. Do Evangelho de São Lucas (4,28-29)

Ao ouvirem estas palavras, todos na sinagoga se encheram de ira e, erguendo-se, lançaram-no fora da cidade e levaram-no até a beira do monte sobre o qual estava construída a sua cidade, a fim de o precipitarem.

*[momento de silêncio]*

**Oração do Senhor** *[Pai-Nosso]*

**Oração bíblica à Virgem Maria** *[Sete vezes, como segue:]*

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *rejeitado pelo seu povo.*

Ou: ... *que vistes ser rejeitado por parentes e familiares.*

**Invocação eclesial**

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *arredios a acolher a palavra de Cristo.* Amém.

**QUINTA DOR:**

**Jesus, o santo de Deus, é preso pelos sumos sacerdotes e abandonado pelos discípulos**

*Verdadeiramente*

*somos culpados contra nossos irmãos*

*porque, vendo a sua angústia quando nos suplicava,*

*não quisemos ouvi-lo;*

*por isso nos sobreveio esta desgraça (Gn 42,21).*

**Palavra de Deus**

L. Do Evangelho segundo São Mateus (26.49-50.56b)

Judas se aproximou de Jesus e disse: "Salve, Mestre!" e beijou-o. Disse-lhe Jesus: "Amigo, a que vieste?" Então aproximaram-se, lançaram mãos a Jesus e prenderam-no. Então todos os discípulos abandonaram-no e fugiram.

*[momento de silêncio]*

**Oração do Senhor** *[Pai-Nosso]*

**Oração bíblica à Virgem Maria** *[Sete vezes, como segue:]*

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *traído por seu amigo.*

Ou: ... *que vistes ser abandonado pelos discípulos.*

### ***Invocação eclesial***

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *fracos na hora da provação.* Amém.

### **SEXTA DOR: Jesus, o Justo, morre na Cruz**

*Um bando de celerados prendeu-me no meio;  
traspassaram-me as mãos e os pés,  
posso contar todos os meus ossos.  
(Sl 22,17-18a)*

### ***Palavra de Deus***

L. Do Evangelho segundo São João (19,25-27a)

Estavam junto à cruz de Jesus sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena. E Jesus, vendo a mãe e perto dela o discípulo que amava, diz à mãe: "Mulher, eis o teu filho!" Depois, diz ao discípulo: "Eis a tua mãe".

*[momento de silêncio]*

### ***Oração do Senhor [Pai-Nosso]***

### ***Oração bíblica à Virgem Maria [Sete vezes, como segue:]***

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *crucificado entre os malfeitores.*

Ou: ... *que vós seguistes até o Calvário.*

### ***Invocação eclesial***

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *indiferentes diante da opressão dos justos.* Amém.

### **SÉTIMA DOR: Jesus, Mestre e Senhor, é perseguido em seus discípulos**

*É desejável morrer pela mão dos homens,*

*quando se espera nas promessas de Deus,  
de ser novamente ressuscitado por ele (2Mc 7,14).*

### **Palavra de Deus**

L. Dos Atos dos Apóstolos (12,1-3a.5b)

Por volta desse tempo, Herodes resolveu perseguir alguns da Igreja, e matou à espada Tiago, irmão de João. Vendo que isso agradava aos judeus, mandou prender também a Pedro. A igreja rezava incessantemente a Deus por ele.

*[momento de silêncio]*

**Oração do Senhor** *[Pai-Nosso]*

**Oração bíblica à Virgem Maria** *[Sete vezes, como segue:]*

D. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

T. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, *prêmio e coroa dos mártires.*

Ou: ... *que vistes ser perseguido em seus discípulos.*

### **Invocação eclesial**

*[Depois da sétima Ave Maria, reza-se a Santa Maria na forma costumeira ou como segue:]*

T. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, *indiferentes aos sofrimentos da Igreja.* Amém.

### **CONCLUSÃO**

D. Nós vos louvamos, ó Virgem Maria.

T. Mãe fiel junto à cruz do Filho.

### **Aclamação**

Bendita sois vós, Rainha dos mártires: associada à paixão de Cristo, vos tornastes nossa mãe, sinal de esperança em nosso caminho.

### **Seqüência**

*[Depois da aclamação, é facultativo o canto ou a reza do Stabat Mater, mesmo em sua forma mais breve que começa com a estrofe "Sancta Mater, istud agas (Ó Santa Mãe, dá-me isto)". O Stabat Mater pode ser substituído por outro canto de conteúdo e teor literário semelhante ou pela Ladainha de N. Sra. das Dores. Omitindo-se o Stabat Mater ou a Ladainha, depois da aclamação "Bendita sois vós", reza-se a Oração].*

**Ladainha de Nossa Senhora das Dores** *[ p. 84-85]*

### **Oração**

D. Ó Deus, quisestes que junto à cruz do vosso Filho estivesse a sua Mãe como companheira na dor: fazei que unidos a Ela na paixão de Cristo, participemos da glória da Ressurreição. Por Cristo Senhor nosso.

T. Amém

*Ou:*

D. Ó Deus, quisestes que a vida da Virgem Maria fosse marcada pelo mistério da dor: concedei-nos, vos pedimos, percorrer a seu lado o caminho da fé e unir nossos sofrimentos à paixão de Cristo, para nos tornarmos instrumentos de graça e salvação. Por Cristo Senhor nosso.

T. Amém

### ***Despedida***

D. Proteja-nos Santa Maria e benigna nos acompanhe pelos caminhos da vida.

T. Amém.